

30 anos
STOCKLER

O ANO EM

REVISTA

2015

TRÊS DÉCADAS DE
ENSINO PERSONALIZADO

+ RETROSPECTIVA DOS EVENTOS DE 2015 + MURAL DOS ALUNOS

ANOS 80

EDITORIAL

30 anos
STOCKLER

Caro leitor,

Reza um ditado inglês que “mar manso não faz bom marinheiro”. Pois acredito que chegamos todos ao final de 2015 um pouco melhores de navegação. Para nós, brasileiros, este foi um ano de águas turbulentas, correntezas traiçoeiras, diversas tempestades. Atravessá-las demandou não apenas perícia, mas também tenacidade e coragem, muita coragem. Confirmou-se o que minha experiência de vida já demonstrara: são essas as atitudes que determinam a sobrevivência às grandes transformações, sejam de ordem coletiva ou individual.

Foi assim quando, na década de 1980, abandonei os tablados dos grandes pré-vestibulares para lançar-me à aventura de criar um cursinho cuja proposta, para os padrões da época, era totalmente radical. Difícil acreditar que já se passaram 30 anos. Não foi nada fácil resgatar essa história para poder contá-la a vocês nesta edição da revista. Emocionei-me muito ao lembrar todas as tormentas que atravessamos, eu e um punhado de marinheiros destemidos – alguns, como os professores Agostinho Marques e Almir Bunduki, há mais de duas décadas no leme da escola. Para conhecer um pouco mais sobre nossa jornada é só espiar a matéria da página 20. Você perceberá que alguns aspectos da história do Stockler repetem-se ao longo do tempo. Um deles é a nossa maneira de encarar a individualidade do aluno. O outro é a nossa ousadia.

A coragem para inovar permitiu que, em 2015, estabelecêssemos um novo modelo avaliativo com foco na 2ª série do Ensino Médio. A intensificação da rotina de estudos foi motivo de polêmica entre os jovens, mas, vencidos os primeiros ciclos, revelou-se uma ferramenta poderosa no desenvolvimento da organização e da disciplina nos estudos. Aprendemos muito com a primeira fase de implantação do projeto e aplicamos esse conhecimento ao elaborar a avaliação contínua que vigorará em todas as séries do Médio a partir de 2016. Quer conhecer melhor os objetivos dessa iniciativa e como ela será diferente no ano que vem? Então não deixe de ler a matéria “Provas que ensinam”, na pág. 42.

A preocupação em formar jovens capazes de enfrentar com determinação e independência as frustrações e obstáculos da vida adulta foi um dos fatores que motivaram as mudanças em nossos mecanismos de verificação da aprendizagem. Você encontrará uma discussão aprofundada sobre esse tema tão urgente na matéria “A medida da autonomia”, na pág. 32. E, como sempre, nossa retrospectiva traz uma amostra da produção dos alunos. De uma crítica de arte sobre uma obra contemporânea em Inhotim a uma matéria sobre o Genocídio Armênio de 1915, nossos meninos e meninas fizeram cada reflexão de dar orgulho! Ao contemplar esses textos, percebo que eles também viveram momentos de perplexidade e inquietação diante da realidade. Certamente, tornaram-se melhores navegantes por conta disso.

Um abraço,

Professor Stockler



DIRETOR EXECUTIVO
Marcos Stockler

DIRETORAS ADJUNTAS
Julia Stockler
Mariana Stockler McCulley

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Agostinho Marques Filho

DIRETORES PEDAGÓGICOS
Almir Bunduki
Josely Maria Ofenböck Magri
Sonia Cavalheiro Borghi

COORDENADOR PEDAGÓGICO
Leonardo Murasaki

**SUPERVISOR DA ÁREA
DE HUMANIDADES**
Eduardo Valladares

**SUPERVISOR DA ÁREA
DE CIÊNCIAS DA NATUREZA**
Dononzor Sella

ORIENTADORAS EDUCACIONAIS
Alessandra Bronze
Kátia Ritzmann
Maria José Gimenes
Sueli Garcia

COMUNICAÇÃO
Júlia Blumenschein

O Ano em Revista é uma publicação do Colégio Stockler, com conteúdo e design produzidos pela agência PiU Comunica.

comunica!

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Anna Angotti e Claudia Carmello
EDIÇÃO
Paula Takada
PROJETO GRÁFICO E DESIGN
Maíra Tanaka
Thays Aguiar (assistente de arte)
REPORTAGEM
Ana Paula Severiano, Bettina Monteiro, Eduardo Cordeiro, Paula Takada, Stephanie Kim Abe
REVISÃO
André Albert e José Muniz Jr.

Impressão Gráfica Printi



© Marco Pomarico

6. ACONTECE

Cultura, esporte e tecnologia integram os alunos fora das salas de aula



© Carolina Gonzalez

20. Stockler 30 anos

Uma história de empreendedorismo e compromisso com a formação individualizada



© Carolina Gonzalez

32. A medida da autonomia

O desafio de formar jovens independentes e responsáveis no século XXI

42. Provas que ensinam

A experiência da avaliação contínua como estratégia para estimular o hábito de estudo



© Reprodução

48. MURAL DOS ALUNOS

Teoria e prática de campo se juntam em registros fotográficos, experimentos, artigos de opinião e intervenções artísticas

74. PONTO FINAL

O projeto "Memórias", do 9º ano, integrou diversas atividades e disciplinas ao longo de 2015. A caixa de "Troca de Memória" circulou entre os alunos durante as aulas de Arte

ACONTECE

Destaques da agenda cultural
e esportiva do Stockler em 2015

edição_ Paula Takada

© Marco Pomárico

MARATONA DE APLICATIVOS

Experiência para toda a vida

Hackday desafia alunos a utilizar criatividade e empreendedorismo na programação de aplicativos com foco na melhoria da educação no país

texto_ Eduardo Cordeiro

Era uma tarde nublada de sábado, no final de setembro, logo após um intenso período de provas. Mesmo assim, o auditório do Stockler estava cheio. Mais de 50 alunos da 1ª e 2ª séries do Ensino Médio e do 9º ano do Ensino Fundamental esperavam, entusiasmados, o início do chamado *hackday*. Essa oficina de programação de aplicativos foi promovida pelo Google e pela Fiap (Faculdade de Informática e Administração Paulista), referência em cursos de tecnologia.

A oficina fez parte da Maratona de Aplicativos, concurso anual do qual podem participar alunos de Ensino Médio do país inteiro. O objetivo é selecionar os aplicativos mais eficientes e criativos, elaborados a partir de um único tema: me-



© Marco Pomárico



Os alunos tiveram menos de três horas para imaginar projetos interessantes, escolher uma ideia principal e desenhar um modelo utilizando os recursos disponíveis

lhorar a educação no Brasil. “No *hackday*, passamos para os alunos todo o processo de criação, da ideia inicial ao desenvolvimento, e quebramos aquele estereótipo de que programar é muito difícil”, afirmou Camila Achutti, uma das organizadoras do evento. Era um dia para aprender e experimentar. “Aqui eles saem da inércia e voltam para casa muito animados, com mais ideias ainda”, completou.

O *hackday* durou três horas, e o ritmo foi, de fato, digno de maratona. Divididos em grupos de até cinco integrantes, os alunos foram desafiados a pensar em possíveis projetos, definir a ideia principal, desenhar o protótipo, usar as ferramentas disponíveis e, por fim, apresentar o aplicativo para todo o auditório. Nessa verdadeira

corrida contra o tempo, a motivação foi enorme. “É uma oportunidade única, o Google vem até você! Em quantas escolas você tem essa chance?”, disse Giovana Toschi, aluna do 2º ano. Bernardo Quintanilha, também do 2º ano, explicou o seu envolvimento no *hackday* de outra forma: “Quero conhecer as ferramentas para poder usá-las quando tiver uma boa ideia”.

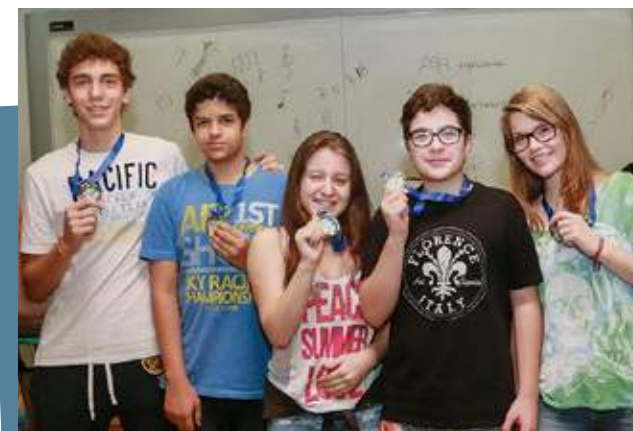
Aliás, as boas ideias já apareceram ali, no chamado *pitch*, a apresentação final. Os 12 grupos mostraram criatividade ao formular projetos que envolviam a comunicação entre professores e alunos, a organização da agenda de tarefas, o compartilhamento de dúvidas com relação às matérias e até uma plataforma de videoaulas. “Fiquei surpreso com os resultados, e acho que vocês têm muito a contribuir nessa busca de uma educação de qualidade e um mundo melhor”, disse Fernando do Espírito Santo, professor e coordenador de Matemática, ao final das apresentações. Para Mariana Stockler, diretora do colégio, o dia foi especial: “Para esses alunos, mais importante do que fazer os aplicativos foi passar por todas as fases do processo criativo e, depois, convencer alguém de que a ideia era bacana. É uma experiência que eles vão levar para toda a vida”.



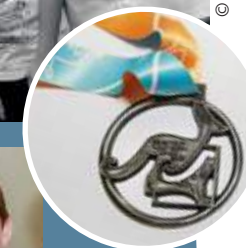
Na apresentação final, propostas de aplicativos para agilizar a comunicação entre alunos e professores, organizar a agenda de tarefas e compartilhar conhecimentos por meio de uma plataforma de videoaulas



© Marco Pomário



© Carolina Gonzalez



OLIMPÍADAS DE MATEMÁTICA

Mais medalhas

Em 2015, alunos do Stockler conquistaram resultados ainda melhores que os do ano anterior em competições nacionais e internacionais de matemática

Os medalhistas das fotos acima não são atletas: são craques em cálculos, fórmulas e raciocínio lógico. Este ano, a participação do Stockler em competições dentro e fora do país trouxe resultados ainda mais positivos do que em 2014.

Uma delas é a Olimpíada Internacional Matemática sem Fronteiras, criada em 1990 pela Academia de Estrasburgo, na França. Trata-se da maior competição desse gênero do mundo, com participação de mais de 200 mil estudantes de 29 países. As provas são resolvidas coletivamente, em cada escola, e enviadas aos avaliadores via internet. As três equipes do colégio ficaram com a medalha de bronze.

Já no ranking nacional da competição Canguru de Matemática, João Vitor Menezes, do 6º ano, levou o bronze. Júlia Molero de Camargo, também do 6º, e Lourdes Mikalef, do 8º ano, ficaram com a prata. Também houve representantes do colégio participando das Olimpíadas Paulista e Brasileira de Matemática.

Tal como acontece no esporte, essas conquistas são consequência de muito treino e dedicação. Desde o início do ano, os alunos participaram de aulas semanais ministradas pela professora Fabiana Venhoven. Oferecidas no contraturno a todos os interessados, essas aulas tiveram como foco os desafios propostos nas diferentes provas olímpicas.



© Carolina Gonzalez



IMIGRAÇÃO

Refugiados sírios visitam o Stockler

Sensibilizados, os estudantes compreenderam melhor a realidade dos que deixam seu país em busca de sobrevivência

O sírio Talal Al-Tinawi e sua família passaram uma manhã no colégio, conversando com professores e alunos do Ensino Fundamental II. A convite da professora Cristina Charnis, de Geografia, os imigrantes compartilharam a experiência de viver como refugiados no Brasil.

No primeiro semestre, os alunos do 9º ano haviam estudado os fluxos populacionais internacionais, com base nos conteúdos do livro didático e de reporta-

gens. Para que o tema pudesse ser explorado para além das discussões teóricas e das leituras, a professora entrou em contato com o Adus (Instituto de Reintegração do Refugiado) e organizou o encontro.

Vivendo em São Paulo desde 2013, Talal e seu filho Riad, de 13 anos, responderam em bom português às perguntas previamente elaboradas pelos alunos. Talal contou detalhes da guerra

civil que está destruindo seu país e de como tem sido a adaptação de sua família a São Paulo.

O diálogo com o adolescente Riad aproximou o tema da realidade dos alunos. Ao contar que sente falta dos amigos que deixou na Síria, e com os quais não tem mais contato, o jovem emocionou o público. “Os alunos ficaram muito mais sensibilizados pelas dificuldades dos refugiados”, avalia Cristina.

CAMPEONATO

Time de ex-alunos vence a 15ª Copa Stockler de Futebol Society

Divididos em duas equipes, os formados foram campeões e vice-campeões. Professores e funcionários terminaram em quarto lugar

texto_ Stephanie Kim Abe

Marcelo Guimarães estudou desde a 1ª série do Ensino Médio no colégio e sempre participou da Copa Stockler. Já chegou à final do torneio, mas nunca tinha conquistado o primeiro lugar. Este ano, já como ex-aluno e cursando Administração na Universidade de São Paulo (FEA-USP), conseguiu essa façanha. Ele foi um dos 14 formados que participaram do campeonato, divididos em dois times que acabaram chegando à final. Além da busca pelo primeiro lugar, rever o pessoal foi o principal motivo que o levou a aceitar o desafio. “Sempre gostei muito do Stockler, meus amigos são todos daqui”, afirma Marcelo.

A copa, que acontece há 15 anos, se propõe a ser um evento esportivo com ares de confraternização. “Os alunos gostam, esperam o ano inteiro pela Copa. E os ex-alunos adoraram a possibilidade de participar de novo desse torneio. Mais uma vez, foi um reencontro muito positivo”, avalia Wilse Ricardo (Chico), professor de Educação Física e organizador do campeonato.

Professores e funcionários formaram um time e ficaram em quarto lugar. Na torcida, o professor Marcos Stockler, fundador do colégio, prestigiava a competição. “Gosto da participação dos alunos junto com



Integração dentro e fora do campo: jogadores e torcida comemoram 30 anos do colégio em reencontro especial



© Carolina Gonzalez

os funcionários. Eles já se conhecem, então fica uma coisa descontraída.”

Lucy Cury, mãe do aluno da 1ª série do Ensino Médio Marcos Kowalewski, também destacou a importância desse momento mais relaxado para conhecer melhor a escola e os professores. “Existe certa formalidade nas reuniões. Aqui a gente tem a oportunidade de conversar com eles de forma descontraída. Além disso, vejo os professores alegres por encontrar ex-alunos com a vida bem encaminhada.”

CICLO TEATRAL

Brilho no palco

Entre os dias 13 e 17 de outubro, aconteceu a 16ª Mostra de Teatro de Repertório e Dramaturgia do Stockler, com peças produzidas e encenadas por alunos de 1ª e 2ª séries do Ensino Médio. A programação deste ano trouxe textos de Molière (*O burguês fidalgo*), Shakespeare (*Sonho de uma noite de verão*), Goldoni (*Mirandolina*), Luís Alberto de Abreu (*Sacra folia*) e J. Silva (*A flor de manacá*), todos adaptados pelo professor Celso Solha.

As apresentações são resultado de um ano de trabalho, com muitos exercícios corporais e dinâmicas de grupo, além de jogos para desenvolver a atenção para o coletivo. A preparação das peças começa em agosto, com leituras, experimentações de cenas e de personagens. “Toda a classe participa. O objetivo é inserir a todos”, diz o professor Celso. Alguns se identificam mais com a produção e tornam-se responsáveis por criar a trilha sonora, a sinopse, a ficha técnica, o cartaz.

No dia do espetáculo, os alunos são responsáveis por todas as funções: da bilheteria ao palco, passando pelos bastidores e pela cabine de som e de luz.



Mirandolina - 1ª série D



O burguês fidalgo - 1ª série A



Sacra folia - 1ª série C

© Carolina Gonzalez

CINE DEBATE

Cenas da intolerância

As sessões do Cine Debate de 2015 trataram de manifestações da intolerância nos últimos cem anos. *Selma*, com direção de Ava DuVernay, provocou uma calorosa discussão sobre a discriminação do negro no Brasil contemporâneo. O filme retrata a luta contra a segregação racial nos Estados Unidos, liderada por Martin Luther King na década de 1960. A jornalista Mariana Queen Nwabasili participou do debate com os professores Selma Prado, Benedito Santos (Benê) e Wilse Ricardo (Chico). Temas como cotas para negros nas universidades públicas provocaram a participação de vários alunos, que se posicionaram justificando seus pontos de vista.

O jogo da imitação, de Morten Tyldum, levou à reflexão sobre a fronteira entre ética individual e políticas de Estado. Com *Samba*, dirigido por Éric Toledano e Olivier Nakache, os alunos puderam pensar sobre a crise migratória no século XXI.



RECITAIS

Intervalo para música

Em outubro e novembro, os intervalos das quintas-feiras contaram com as apresentações de música das turmas do Fundamental II. Este ano, a marca do repertório foi a diversidade. “Procurei conciliar as sugestões dos alunos com os temas previstos para cada ano”, conta o professor Paulo Afonso. Assim, o público pôde apreciar um programa bastante eclético, com canções de Adoniran Barbosa e Projota (6º ano), passando por referências da Idade Média (7º ano) e da influência africana em músicas das Américas (8ºs anos).



© Carolina Gonzalez



© Carolina Gonzalez



FESTA JUNINA

5º Arraiá do Stockler

Houve muita brincadeira, comida típica e diversão na tradicional Festa Junina, que encerrou o primeiro semestre. A inovação deste ano foi a quadrilha tocada ao vivo por uma banda formada pelos alunos Adriana Ferreira de Ataíde e Valentine Pires, do 7º, Antônio Prado, Lourdes Mikalef e Victor Araujo, do 8º, e João Paulo Bebber, do 9º ano. Os ensaios com o professor Paulo Afonso garantiram uma apresentação afinada e empolgante, que levou todos a entrar na dança.

MERGULHO NAS CARREIRAS

Um dia dedicado às profissões

Oportunidade de conversar com estudantes de graduação e profissionais ajuda a esclarecer dúvidas sobre que carreira seguir

texto_Ana Paula Severiano

A 6ª edição do Mergulho nas Carreiras aconteceu em agosto. As novidades na programação incluíram oficinas e uma palestra sobre a prova do Enem com Fabio Orfali, ex-professor do colégio que hoje leciona nos cursos de Engenharia, Administração de Empresas e Economia do Insper, em São Paulo. Os alunos puderam vivenciar o cotidiano de algumas carreiras em oficinas sobre Medicina, Arquitetura, Engenharia e Publicidade e Propaganda.

O painel sobre Direito, um dos mais procurados, reuniu profissionais de diferentes perfis. Entre eles,

os ex-alunos Bruno Ferola, bacharel pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e advogado da Ambev, Gabriela Branco, estudante do segundo semestre da Faculdade de Direito da USP, e Heloísa Salgado, bacharel pela Fundação Getúlio Vargas. Também conversaram com os alunos Otavio Pinto e Silva, professor livre-docente da USP e coordenador do Siqueira Castro Advogados, Silvana Valladares, procuradora do trabalho, e Eliane Sanseverino, promotora de justiça.

“Foi uma experiência incrível, me senti voltando para o colégio. Fui

muito feliz nos meus quatro anos de Stockler”, afirmou Ferola, que também compartilhou com o público um fato importante para o seu amadurecimento: a repetência da 2ª série do Ensino Médio.

O aluno Guilherme Corrêa confirma a relevância desse contato: “O painel me convenceu a prestar vestibular para Direito. A escolha dos palestrantes foi muito boa, alguns com mais experiência, outros recém-formados ou cursando a faculdade. Deu para ter uma boa ideia de quais são as opções dentro da carreira”.

ARTE URBANA

Visita à 3ª Bienal Internacional Graffiti Fine Art

Obras de 60 artistas foram expostas no Pavilhão das Culturas Brasileiras, no Parque Ibirapuera, durante a 3ª Bienal Internacional Graffiti Fine Art. A mostra foi visitada pelos alunos do 6º e do 7º ano do Ensino Fundamental II, que estudaram manifestações da arte urbana.

Além dos gigantescos painéis coloridos, chamaram a atenção dos alunos as instalações e esculturas com mensagens sobre temas da atualidade – como a crise hídrica. A apreciação das obras foi guiada por uma ficha de observação, na qual eles anotaram impressões e emoções. A turma também participou de uma oficina com os educadores da Bienal sobre os diferentes estilos de escrita do grafite, como *bombing* (letras rápidas) e *bubble style* (letras arredondadas).

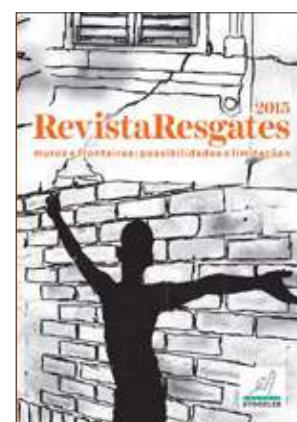
REVISTA RESGATES

Monografias

“Muros e fronteiras: possibilidades e limitações” é o tema da edição de 2015 da *Revista Resgates*, que traz as 18 melhores monografias produzidas pelos alunos da 3ª série do Ensino Médio. Os trabalhos tratam de assuntos variados, como o extermínio promovido na Alemanha nazista, os distúrbios alimentares, o feminismo e a esquizofrenia.

Os alunos escolhem o tema da pesquisa, orientados pelos professores a optar por questões de interesse pessoal relacionadas ao curso em que pretendem ingressar no Ensino Superior.

As turmas da 2ª série já começaram a escrever seus projetos de pesquisa e uma introdução provisória da monografia, que será concluída em 2016, dentro do grande tema “Utopias e distopias: pensar o futuro”.



© Carolina Gonzalez

BANNERS

Inventos que mudaram o mundo

Projeto aproxima alunos da 1ª série do Ensino Médio do universo da pesquisa acadêmica

Ao chegar ao Ensino Médio, os alunos do Stockler logo são desafiados a experimentar uma espécie de iniciação científica, por meio do projeto Banners. Trabalhando em equipes, são estimulados a produzir uma pesquisa dentro do tema “Inventos que mudaram o mundo: como funcionam?”.

O processo inclui aulas complementares de metodologia de pesquisa, síntese e oratória. Os grupos escolhem uma inovação que tenha causado grande impacto e produzem uma pesquisa sobre ela. Uma das exigências é que sejam consul-

tados livros impressos, e não apenas fontes disponíveis na internet.

Os conteúdos pesquisados são resumidos e publicados em banners, que são expostos nos espaços coletivos do colégio. Em seguida, os grupos fazem uma defesa oral dos trabalhos para uma banca avaliadora. A proposta é que os alunos vivenciem a realização e a apresentação de um trabalho acadêmico, tal como acontece nos congressos científicos. Este ano, foram apresentados painéis sobre os *drones*, a impressora 3D e o código de barras, entre outros.





© Renato Maklouf Calache



VEREDAS DA CULTURA

Quiz para estudar Arte

No segundo trimestre, as turmas da 2ª série do Ensino Médio realizam o projeto Veredas da Cultura, com foco no estudo da arte brasileira. Por meio de trabalho de campo em Ouro Preto e no Instituto Inhotim, em Minas Gerais, os alunos tiveram a oportunidade de observar os contrastes entre as artes barroca, moderna e contemporânea.

Como todos os projetos da escola, este também é composto por atividades realizadas antes e depois da saída a campo. Este ano, uma novidade marcou a preparação dos alunos: em vez de assistir a aulas expositivas, eles participaram de uma competição interclasses – nos moldes de um quiz – chamada *Enveredando*. As equipes tinham um minuto para responder a perguntas sobre Arte, Filosofia, Sociologia e História com base no conteúdo de uma apostila distribuída cinco dias antes.

Para Eduardo Valladares, coordenador de projetos especiais do colégio, essa abordagem interdisciplinar é fundamental no processo de ensino-aprendizagem. “Atividades como essa, além de conectar conteúdos de disciplinas diversas, servem também para apresentar informações aos jovens de uma forma dinâmica, desafiadora e divertida.”

ARTE

Da Vinci

Em abril, os alunos da 1ª série do Ensino Médio visitaram a exposição *Leonardo da Vinci: a natureza da invenção*, no Centro Cultural Fiesp.

A saída a campo integrou um projeto envolvendo Matemática, Biologia e Física. A proposta da atividade foi investigar aspectos da obra de Da Vinci com base em um dos quatro temas que nortearam a curadoria da mostra: “Preparar a guerra”, “Imaginar o voo”, “Inspirar-se no que é vivo” e “Transformar o movimento”.

Divididos em grupos, os alunos apresentaram suas conclusões em sala de aula, por meio de seminários.



CULTURA POPULAR

Entrevista coletiva com Antônio Nóbrega

Artista falou sobre sua trajetória profissional e demonstrou alguns passos de danças brasileiras

Nas aulas de Jornalismo, os alunos do 9º ano iniciaram 2015 estudando técnicas de entrevista e o gênero textual perfil. Para aplicar os conceitos estudados, fizeram uma entrevista coletiva com o bailarino, músico, ator e produtor cultural Antonio Nóbrega.

Uma ampla pesquisa sobre a biografia do entrevistado antecedeu a elaboração do roteiro de perguntas. Nessa etapa, os alunos assistiram a trechos do filme *Brincante* e mergulharam no universo da cultura popular brasileira.

lharam no universo da cultura popular brasileira.

Durante a coletiva, Nóbrega respondeu pacientemente às questões. Falou sobre a infância em Recife, o encontro com as linguagens artísticas e a criação do Instituto Brincante. Além disso, ilustrou algumas respostas com músicas e passos de danças brasileiras.

Toda a conversa foi gravada e usada para redigir o perfil do artista.



© Colégio Stockler



© Divulgação

PARCERIA

Projeto Chance Paraisópolis

Em 2015, o colégio foi parceiro do Projeto Chance, um cursinho pré-vestibular com aulas gratuitas para 80 jovens moradores de Paraisópolis, que pagam apenas pelo material apostilado.

As aulas aconteceram aos sábados, em uma sala cedida pela ETEC Abdias do Nascimento. Houve a participação voluntária de estudantes universitários e de alguns professores do Stockler, que também apoiou a realização de simulados para o Enem.

Criado em 2008, o cursinho já teve estudantes aprovados na USP e, como bolsistas, em instituições privadas como Mackenzie, PUC-SP, Anhembi Morumbi, Uniban e Unip.



CIÊNCIAS

Catavento cultural

No segundo semestre, durante a visita às instalações do museu interativo Catavento, as turmas do 8º ano puderam observar na prática boa parte do conteúdo estudado em Ciências ao longo do ano. Além de produzir um relatório sobre a experiência no museu, os alunos tiveram como tarefa colher dados sobre a produção de energia elétrica. Na escola, apresentaram um seminário sobre as diferentes opções de geração de energia, relacionando cada bioma brasileiro ao tipo mais adequado de usina – hidrelétrica, eólica, nuclear, solar ou termoelétrica.

ENTORNO

Mapeando o Brooklin

Para dar início ao trabalho de metodologia do estudo do meio, em abril, os alunos do 6º ano, recém-chegados ao colégio, fizeram um trabalho de campo pelas ruas do Brooklin. Saíram do Stockler e caminharam por alguns quarteirões até a agência dos Correios – onde postaram uma carta produzida nas aulas de Redação, endereçada a um colega.

Com base nos conteúdos de linguagem cartográfica, estudados nas aulas de Geografia, eles foram instruídos a observar e registrar nomes de ruas, equipamentos públicos, tipos de comércio e de residência. Ao retornarem à classe, produziram mapas utilizando essas anotações. Em seguida, compararam seus trabalhos ao mapa de ruas e à imagem aérea da região, disponibilizados pelo Google.



CANTAREIRA

Mata Atlântica e crise hídrica

Ao visitar o Núcleo Engordador do Parque Estadual da Cantareira, os alunos do 6º ano entenderam melhor a importância do consumo consciente da água

O Parque Estadual da Cantareira é considerado uma das maiores florestas urbanas do mundo. Possui uma área de quase 8 mil hectares, cercados pela alta densidade demográfica dos municípios de São Paulo, Guarulhos, Mairiporã e Caieiras. Em outubro, a turma do 6º ano do Ensino Fundamental II visitou um dos núcleos do parque, o Engordador. Seguindo o roteiro do trabalho de campo, o grupo passou pelo museu do núcleo e seguiu pela Trilha do Macuco, em meio à Mata Atlântica, até chegar à Casa da Bomba. Essa construção, inaugurada em 1904, abriga o

sistema de bombeamento de água que abastece a cidade de São Paulo até meados do século XX.

Ao longo do percurso, os alunos puderam relacionar o que observavam com temas abordados nas aulas de Ciências, História e Geografia, como o ciclo da água, crise hídrica, ecologia, crescimento da cidade de São Paulo e a questão do lixo. Além disso, preencheram uma tabela de medição de temperatura atmosférica e umidade relativa do ar. De volta ao colégio, discutiram possíveis explicações para os diferentes dados obtidos na cidade e na mata.

COLÉGIO STOCKLER

30 ANOS

Uma história
de respeito à
individualidade
do aluno

texto_Bettina Monteiro
fotos_Carolina Gonzales



A história do Colégio Stockler começa com a obsessão de um professor por entender melhor seus alunos. Era a década de 1970, e a concorrência para conquistar uma vaga em boas universidades brasileiras estava acirradíssima. Centenas de alunos lotavam as salas dos cursos pré-vestibulares, onde professores, munidos de microfones, preenchiam lousas de oito metros de largura com teoria, exercícios e muitas dicas.

Nos grandes cursinhos, eram valorizados os melhores professores, aqueles que aliavam sua competência à irreverência necessária para manter a turma alerta e facilitar o entendimento da matéria. Contudo, a angústia estampada naquele mar de rostos anônimos inquietava alguns mestres. Era o caso de um professor de Física conhecido por seus alunos como Stockler. “Sabia tão pouco sobre aqueles jo-

vens! Estariam, de fato, aprendendo alguma coisa? Seriam aprovados nas faculdades que gostariam de cursar?”, lembra.

Uma década depois, a apreensão daquele professor deu lugar à crença de que, sim, era possível fazer diferente. Nascia, em 1985, o Stockler Vestibulares, cursinho que rompeu com o modelo dominante ao unir grandes professores a turmas pequenas. O geógrafo Demétrio Magnoli, hoje um renomado colunista, e o historiador Heródoto Barbeiro, atualmente âncora da Record News, integraram a equipe inaugural. “Além de contar com um corpo docente extremamente talentoso, conhecíamos cada um de nossos alunos, sabíamos de seus anseios e, acima de tudo, lutávamos juntos para vencer as deficiências de sua formação escolar”, explica Stockler.

A primeira turma do cursinho, composta por apenas seis vestibulandos, foi instalada na garagem da

O desejo de conhecer
melhor os alunos
impulsionou a criação de
um cursinho diferente



© Arquivo



Prof. Marcos
Stockler no
começo da
carreira, na
década de 1970



© Arquivo

1985

Início do cursinho na garagem da casa do Prof. Stockler. A primeira turma obtém 100% de aprovação nos vestibulares.

“O Prof. Stockler teve papel importante na minha formação. Eu era um pré-vestibulando cheio de dúvidas. Minha passagem pelo Stockler me levou à Faculdade de Direito do Largo São Francisco.”

Luciano Huck, apresentador e ex-aluno

casa de seus fundadores. “Aos quatro anos, enquanto meus amiguinhos desciam para o *play* para encontrar os vizinhos, eu contava os minutos para o intervalo. Era o momento em que os alunos deixavam a sala de aula e enchiam o jardim de casa com seu riso adolescente. Eu adorava brincar com aquelas crianças grandes”, lembra Mariana Stockler McCulley, filha do Prof. Stockler e hoje uma das gestoras do colégio. Sob o olhar ao mesmo tempo exigente e amoroso da equipe, todas essas “crianças grandes” foram aprovadas no vestibular.

Não demorou a correr o país a notícia de que havia em São Paulo um pré-vestibular exclusivo, onde o estudante era chamado pelo nome, e que atingira, logo em seus primeiros anos de funcionamento, índices impressionantes de aprovação. Em 1988, para absorver a crescente demanda por vagas, o Prof. Stockler transferiu o cursinho para uma modesta casa no Brooklin, a poucos quarteirões das atuais instalações do colégio.

No final da década de 1980, o Stockler Vestibulares figurou em matérias veiculadas em revistas como *Vêja*, *Vêja São Paulo* e *Claudia*. A reportagem que gerou maior repercussão contrastava a experiência proporcionada pelo Stockler com o modelo massificado por meio do qual um dos mais poderosos empresários do setor educacional fizera sua fortuna. A projeção nacional levou a um aumento da procura pelas poucas vagas oferecidas no Stockler. O cursinho funcionava em um prédio modesto e adotava regras bastante rígidas para o padrão dos pré-vestibulares: não era permitido sair do local durante o período de aulas, mesmo durante os intervalos, e fazia-se a chamada diariamente. Mesmo assim, as filas para a matrícula formavam-se antes mesmo da abertura da secretaria. Filhos de empresários como Antônio Ermírio de Moraes e de artistas como Rita Lee e Francisco Cuoco ocuparam as carteiras do Stockler Vestibulares nessa era.

“Nossa equipe reunia-se e discutia, a fundo, cada aluno. Conversávamos sobre suas dificuldades específicas, seus temperamentos. Conhecer esses meninos e meni-

Eduardo Valladares (de vermelho) era professor de História



© Arquivo



“Cheguei há 29 anos para coordenar o cursinho. O trabalho individualizado me deu uma satisfação imensa. Imagine a troca entre professores e alunos quando a turma do fundão é a segunda fileira! A gente passa a conhecer cada dificuldade e cada vitória. Transportamos essa filosofia de exclusividade para o Ensino Médio e, depois, para o Fundamental II.”

Agostinho Marques Filho, diretor

1986

Transferência para uma pequena casa no Brooklin. Entrada do professor Agostinho Marques Filho.

REPORTAGEM DE CAPA
A LIÇÃO DE QUEM FICOU NA ESCOLA



© Arquivo

1989

Matéria da revista *Veja São Paulo* contrapõe o Stockler Vestibulares ao curso Objetivo, gerando grande repercussão.

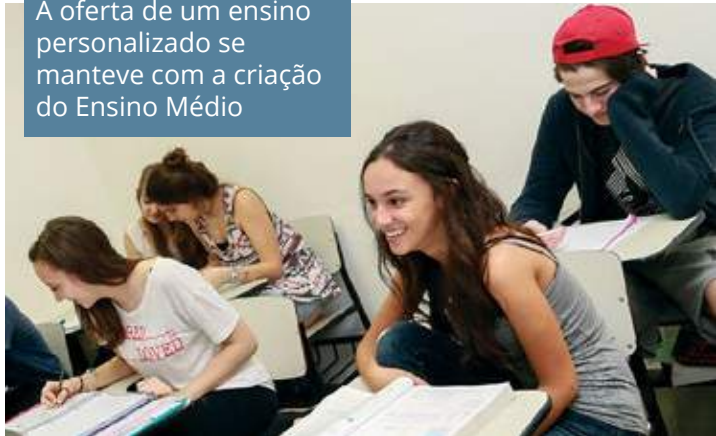
“ Foi uma honra participar como professor do Stockler. Aceitei dar aulas porque o Prof. Stockler era um mestre diferenciado, preocupado com a formação dos alunos e o desenvolvimento do espírito crítico. Foi uma oportunidade preciosa de formar pessoas e ensinar a aprender.”

Heródoto Barbeiro, jornalista e ex-professor

nas era, e continua sendo, o foco de nossa atuação”, comenta o Prof. Stockler. Almir Bunduki, professor de Matemática e atual diretor da 3ª série do Ensino Médio, relata um episódio ocorrido no final da década de 1990 que ilustra bem essa característica do Stockler Vestibulares. Na época, Almir dirigia a unidade Jardins do curso. “Era sábado, em plena temporada de vestibulares, quando entro na sala onde estávamos realizando uma atividade de revisão e me deparo com uma aluna que queria fazer Arquitetura”, conta. “Hoje você tem vestibular, menina! O que está fazendo aqui?” Despachei-a para o Mackenzie em um táxi.”

Treze anos após ter inaugurado o primeiro cursinho a apostar na personalização do atendimento, o Prof. Stockler viu-se novamente inquieto. Os anos de contato intenso com os vestibulandos fizeram-no perceber que a bagagem que os jovens traziam de sua formação escolar era muito inconsistente. Os currículos variavam demais de colégio para colégio, e alguns estudantes apresentavam lacunas em partes fundamentais. Cabia ao cursinho fazer a correção desse processo em um curtíssimo espaço de tempo. “Não era apenas o caso de fazer uma revisão. Às vezes, era preciso ensinar em oito aulas o conteúdo que o aluno deveria ter aprendido em um semestre!”, conta ele.

A oferta de um ensino personalizado se manteve com a criação do Ensino Médio



Stockler Vestibulares é escolhido para produzir um especial do *Guia do Estudante* sobre preparação para os vestibulares.

Criação do Ensino Médio do Stockler.

1991

Entrada do professor Almir Bunduki.

“ Comecei como coordenador, assustado, pois tínhamos no máximo 15 alunos. Os cursinhos tinham 250! O trabalho foi extremamente individualizado, o que nos deu um resultado fantástico e se transformou em nossa marca registrada. Construir uma escola é uma verdadeira aventura.”

Almir Bunduki, diretor

1992

1998





2007

Professora Josely Magri passa a integrar a equipe de diretores pedagógicos.

“Em 2006, comecei no Stockler dando aula de Química para as 3^{as} séries. Depois, passei a orientar os alunos em seus estudos, em parceria com as famílias. O que me deixa mais satisfeita é acompanhar os adolescentes no processo de construção do conhecimento. A maturidade e a experiência no colégio me trouxeram uma nova visão do que é formação e educação.”

Josely Magri, diretora do Ensino Fundamental II e das 1^a e 2^a séries do Ensino Médio

“Outro ponto importante é que, para nós, a missão de educar não pressupõe apenas uma formação sólida em Língua Portuguesa, Matemática, Biologia, História, as disciplinas tradicionais”, explica Marques. “Por isso, introduzimos na grade do Ensino Médio matérias que não figuram no currículo padrão.” Tais disciplinas têm por objetivo desenvolver habilidades e atitudes que o jovem precisará demonstrar ao longo de toda a vida adulta. Foi assim com o curso de Jornalismo. “Todo mundo precisa aprender a fazer uma leitura crítica do conteúdo disseminado pelas diversas mídias”, explica o Prof. Stockler. “Além disso, o jornalismo permite que o aluno exercite a capacidade de fazer boas perguntas, de conduzir uma entrevista e de diferenciar as informações mais relevantes das não tão importantes ao produzir um texto.”

O Teatro foi outra disciplina acrescentada à grade de aulas regulares dos alunos da 1^a série do Ensino Médio. Seu propósito? Ajudar os jovens, muitas vezes recém-chegados ao Stockler, a aprimorar a oralidade, conquistar desenvoltura e perceber o valor do trabalho em equipe. “É uma experiência transformadora para os alunos”, comenta Eduardo Valladares,

coordenador de projetos especiais do colégio. “Durante a mostra anual de dramaturgia, podemos observar meninos que se comportam de forma bastante acanhada em sala de aula desempenhando seus papéis com uma coragem e uma energia comoventes.”

A preparação para a vivência universitária não poderia ficar de fora do projeto educacional do Colégio Stockler. “É comum o aluno chegar à graduação bastante cru no que diz respeito aos procedimentos para se fazer uma pesquisa acadêmica, por exemplo”, explica Valladares. No Stockler, já na 1^a série do Ensino Médio, os estudantes devem produzir um banner científico e apresentá-lo a uma banca de avaliadores. Essa experiência é retomada e aprofundada na 3^a série, momento em que os alunos redigem uma monografia de conclusão de curso. “Somos extremamente rigorosos na avaliação dessas produções: trabalhamos a questão do plágio, do respeito às normas técnicas, da qualidade da bibliografia e da adequação da linguagem a esse gênero textual.”

Por suas raízes no universo dos pré-vestibulares, o Ensino Médio do Stockler adotou um cronograma especial. Toda a programação seria cumprida em dois anos e meio para que, no último semestre da 3^a série, o aluno frequentasse um verdadeiro “semi”, como é conhecida a revisão intensiva oferecida pelos cursinhos. Além disso,

2009

Ingresso de Mariana Stockler McCulley.

2010

Realização do primeiro Mergulho nas Carreiras e abertura da revisão especial para FGV e Insper.

2011



Abertura das primeiras turmas do Ensino Fundamental II. Publicação da primeira edição da *Revista Resgates*, coletânea das melhores monografias produzidas pelos alunos da 3^a série.

“Em uma empresa familiar, tudo se passa dentro de casa. O expediente não acaba nunca. Aquela reunião tensa? Acontece na hora do jantar. As vitórias também são saboreadas em família. Para mim, a oportunidade de trabalhar para preservar um legado, ajudar a agregar valor a uma marca construída com a luta de uma vida, é absurdamente gratificante, um privilégio.”

Mariana Stockler McCulley, diretora



2011

Ingresso de Julia Stockler na equipe.

“Olhar para cada um individualmente é, e sempre será, o grande marco do Stockler. Cada vez mais, quero desafiar nossos alunos a desenvolver um olhar questionador e criativo. Quero aprimorar o uso das novas tecnologias e as competências profissionais da equipe para personalizar ainda mais a experiência do aluno.”

Julia Stockler, diretora

foram implantadas diversas atividades complementares no período da tarde, como a revisão específica para os vestibulares do Insper e da FGV. Essas inovações, contudo, exigiram que o Stockler Vestibulares fechasse as portas para alunos de fora: a partir de então, o famoso cursinho atenderia apenas os alunos do colégio.

Atenção especial também seria dada à escolha da carreira – muitas vezes um peso enorme para os jovens. Essa orientação começa na 2ª série do Ensino Médio, com uma proposta interdisciplinar em torno do mundo do trabalho. Além de fazer um levantamento das profissões, os alunos investigam o tema por meio da perspectiva filosófica ao estudar a questão do ócio, do trabalho como fonte de realização e como expressão da liberdade. Nas aulas de Jornalismo, discutem a função social das diversas profissões ao colher depoimentos sobre os momentos que mais marcaram as carreiras dos entrevistados.

O apoio ao aluno para que faça uma opção consciente intensifica-se na 3ª série do Ensino Médio, com atividades de orientação profissional e o evento Mergulho nas Carreiras, que inclui uma Feira de Faculdades. “Hoje, há inúmeros cursos novos que os jovens nem imaginam existir, e novas possibilidades se abrem to-

dos os anos”, comenta Almir Bunduki. “Estamos aqui para ajudá-los a se entender com essas alternativas e a optar por um caminho que os aproxime de seus sonhos sem deixar de levar em conta questões mais sutis, como temperamento, afinidades e limitações.”

Em 2011, o Stockler cresceu um pouco mais. Na constante busca por melhorar a formação de seus alunos, o colégio incorporou ao seu projeto as séries que constituem o Ensino Fundamental II. “Foi um grande desafio, pois o estudante está em outra etapa da vida, o começo da adolescência”, comenta a professora Josely Magri, diretora do Ensino Fundamental II, da 1ª e da 2ª séries do Ensino Médio. “Entre o 6º e o 9º ano, as crianças estão descobrindo a autonomia e começando a tomar as rédeas de seus estudos.” Nada como turmas pequenas e muito cuidado por parte de professores, orientadores e diretores para garantir que o aluno cumpra essa etapa de forma segura e eficaz.

Além do planejamento rigoroso, esse novo ciclo na história do Stockler demandou ampliar o espaço físico da escola. O encarregado por tornar concretos os valores que definem o colégio – acolhimento, respeito à individualidade, rigor acadêmico – foi o arquiteto Paulo Sophia, um dos mais respeitados especialistas em arquitetura escolar no Brasil. Paulo e sua equipe foram também os responsáveis pela intervenção, em 2010, no



“Cursei o semi-intensivo no Stockler em 1989. Passei no vestibular para Medicina, cursei, e achava que sobrariam apenas boas lembranças dos profissionais que tanto haviam me auxiliado. Acabei optando pelo magistério como profissão e 25 anos mais tarde, como professora de Língua Portuguesa, tive a oportunidade de reestabelecer laços tão caros para mim.”

Adriana Ramacciotti, professora e ex-aluna

2012



Inauguração do novo prédio do Ensino Fundamental II, com projeto do premiado arquiteto Paulo Sophia.

“ Eu admirava muito o Prof. Stockler, e o segui para o cursinho na garagem de sua casa. Éramos só cinco alunos com os melhores professores do mundo! Foi uma aventura divertida que me colocou nas faculdades de Engenharia, Administração e Publicidade. Agora, 30 anos depois, minha filha também veio fazer parte dessa história.”

Gregorio Marin, ex-aluno e pai da aluna Ana Luisa Marin, da 3ª série

“ Entrei no Stockler em 2012, na primeira turma do 6º ano do Ensino Fundamental. A classe tinha só nove alunos. Criamos um laço de amizade incrível. Todos os professores que já tive e tenho são talentosos. Eles vão me marcar para sempre. Agora estou começando uma nova fase, indo para o Ensino Médio. É legal dizer que estou aqui desde o começo.”

Beatriz Cunha, aluna da primeira turma do Ensino Fundamental II



auditório do Ensino Médio, que hoje possui excelente desempenho acústico, além de melhores condições de circulação e ergonomia. “Espaços de qualidade potencializam a ação pedagógica nos momentos de convívio social alegre e descontraído, e também naqueles instantes de necessária pausa reflexiva e introspectiva”, comenta Paulo Sophia. “Nosso objetivo foi criar um edifício que marcasse tanto a paisagem quanto o coração de seus usuários.”

Com a chegada das filhas do fundador, Mariana Stockler McCulley e Julia Stockler, à gestão do colégio, foram adotados novos mecanismos de avaliação da qualidade, com o acompanhamento sistemático do corpo docente e o retorno sobre o trabalho desenvolvido ao longo do ano. Para assegurar a afinação entre a proposta da escola e a atuação dos professores, coordenadores passaram a se apoiar em dados colhidos por meio de dois instrumentos. O primeiro registra os hábitos e estratégias adotados pelo professor em sala de aula, segundo seus alunos. O segundo mede o desempenho acadêmico das séries, em cada disciplina. Quando analisados juntamente com as avaliações aplicadas aos alunos, esses resulta-

dos permitem aos coordenadores verificar o andamento do curso e identificar a necessidade de fazer eventuais intervenções junto às suas equipes. “Nossa preocupação é com a capacidade do professor de facilitar o entendimento da matéria, de conduzir a aula de maneira organizada, de ajudar o aluno a enfrentar suas dificuldades”, explica Mariana Stockler McCulley. “Não estamos interessados em medir a ‘popularidade’ de ninguém.”

Há 30 anos, cursar uma faculdade era garantia de emprego. Hoje, o diploma universitário não assegura o sucesso na vida profissional. Para ingressar no mercado de trabalho e construir uma carreira gratificante, o jovem adulto precisa demonstrar competências que vão muito além dos conteúdos acadêmicos, como a resiliência e o respeito às diferenças. “O que fazemos aqui, há 30 anos, é abrir portas”, diz o Prof. Stockler. “Um aluno disciplinado, capaz de batalhar para superar suas limitações, poderá escolher não só entre as melhores graduações, como, futuramente, entre os melhores estágios, programas de trainee e vagas de trabalho.” ■

“ Eu tive muita sorte nessa história: fui apoiado por muitos amigos e ótimos profissionais.”

Prof. Stockler



2015

Stockler completa 30 anos de existência.



Júlia Molero, aluna do 6º ano do Ensino Fundamental

A MEDIDA DA AUTONOMIA

Família e escola se aliam para ponderar liberdades e limites no desenvolvimento de jovens independentes

texto_Ana Paula Severiano
fotos_Carolina Gonzalez

Beatriz Flores está na 3ª série do Ensino Médio e vai prestar Medicina. Tem notas altas, estuda todos os dias e participa das atividades extracurriculares oferecidas pelo colégio. Diante do desafio de enfrentar o vestibular para um dos cursos mais concorridos nas principais universidades, não se assusta e, em geral, reage bem ao estresse: “Estou preparada para a frustração, mas quero me empenhar ao máximo”. Lucas Bertussi, da 2ª série, que sempre foi cobrado pela família, agora realiza suas tarefas com antecedência e raramente tira notas baixas. Júlia Molero tem 11 anos e está prestes a concluir o 6º ano do Ensino Fundamental. Apaixonou-se por Álgebra e Música, e não precisa da mãe para organizar a própria agenda: estuda, ajuda os colegas, toca teclado e não desanima diante de uma avaliação ruim.

“Diário de leitor”, projeto da disciplina de Literatura no qual o aluno é desafiado a trabalhar de modo mais independente e criativo

Os três são alunos do Colégio Stockler e contrariam o estereótipo atribuído aos jovens da geração Z (nascidos a partir dos anos 1990): são resilientes, focados, independentes e têm lidado bem com os obstáculos que enfrentaram até aqui. A trajetória deles demonstra que a equação da autonomia pode ser resolvida com uma participação equilibrada entre a família – que está presente para dar afeto, mas também estabelece responsabilidades e impõe limites – e a escola – que é acolhedora sem deixar de ser exigente.

Em março deste ano, uma reportagem publicada pela *Folha de S.Paulo* gerou uma enxurrada de comentários nas redes sociais. O texto relatava que universidades privadas da capital paulista tiveram de adotar certas práticas para lidar com uma geração que chega ao ensino superior cada vez mais protegida pela família e, conseqüentemente, menos madura para lidar com as exigências da graduação. Entre os exemplos citados pela *Folha* estão a realização de reuniões de pais e a autorização para que estes acompanhem as notas e as faltas dos filhos nos sistemas *online* das instituições.

A tendência não é exclusividade brasileira. Em Stanford, a ex-professora Julie Lythcott-Haims notou um fenômeno parecido, que ela narra em um artigo escrito para a revista *Time*: “A cada ano, eu via mais e mais pais indo ao *campus* com seus pequenos calouros e depois... eles *ficavam*, literalmente ou virtualmente, para questionar; selecionar disciplinas, atividades, tutores, estágios e carreiras; resolver problemas; lidar com conflitos; defender e advogar em favor de seus filhos; cuidar dos prazos”. Também impressionou a professora que os alunos não estivessem envergonhados com a presença constante das famílias, como teria acontecido entre seus contemporâneos. Pelo contrário, os calouros contavam com isso. Haims partiu

de sua experiência para escrever *How to Raise an Adult* (Como criar um adulto), livro lançado nos Estados Unidos que discute como os pais nascidos depois dos anos 1950 estão criando filhos menos autônomos.

Como chegamos a esse cenário? A especialista de Stanford levanta uma hipótese: os pais deixaram de criar os filhos para a vida e passaram a protegê-los da vida, em favor de um ideal de busca da felicidade. Fatores históricos, culturais e econômicos contribuíram para isso. Em primeiro lugar, temos uma geração cada vez mais tutorada e observada pelos pais – ironicamente apelidados de “helicópteros” por Haims.

O PARADOXO DO DIREITO À FELICIDADE

Não se trata de criticar a presença mais efetiva da família, mas de compreender as consequências das transformações no modo como crianças e jovens têm sido educados nas últimas seis décadas. “De modo geral, até os anos 1950, o ambiente externo funcionava como um molde que induzia e coagia os filhos a viverem de acordo com os duros valores da época. Os exemplos nas outras casas, na escola e nas ruas reforçavam e legitimavam o esquema repressor de uma sociedade patriarcal e au-

“O Stockler me ensinou a estudar de uma maneira mais eficiente e também a aprender com meus colegas. O Luiz Felipe, da minha classe, é muito esforçado e me espelho nele. Foi com ele que aprendi a fazer as tarefas com antecedência para ficar mais tranquilo nos períodos de avaliação e até descansar porque não deixei acumular.”

Lucas Bertussi, 2ª série do Ensino Médio

toritária. Não havia espaço mental para o diferente”, afirma Luiz Hanns, formado em Psicologia pela USP e em Administração de Empresas pela FGV, autor do livro *A arte de dar limites: como mudar atitudes de crianças e adolescentes*, lançado em 2015.

Hanns compara a educação que os pais “helicóptero” receberam e a que estão dando a seus filhos. No passado, o principal valor da educação era a obediência, que se conquistava pela ameaça. A humilhação era um recurso corriqueiro dos professores nas salas de aula e, em casa, não eram incomuns os castigos físicos. As vontades individuais eram negligenciadas, em nome do dever e da manutenção das aparências. Hoje, após mudanças na organização social e política



A orientadora pedagógica realiza reuniões mensais com os alunos da 3ª série do Ensino Médio, com dinâmica de grupos e acompanhamento de metas individuais

e também com a nova pedagogia, tanto o ambiente doméstico como o escolar priorizam o diálogo, o acolhimento e a escolha com responsabilidade. Além disso, se antes os deveres para com a família, o país e a igreja estavam em primeiro plano, agora a autorrealização é a palavra-chave. “Estamos mais dispostos a aceitar opções profissionais, orientações sexuais e estilos de vida em nome da dita felicidade”, explica o psicólogo.

O direito sagrado à diversão – e, por extensão, ao consumo –, que veio com a relativa estabilidade econômica no período pós-guerra, também faz parte do conjunto de valores das gerações Y e Z. Nesse contexto, crianças e jovens precisam receber estímulos externos de qualidade o tempo todo, para não se sentirem entediados e pouco motivados a realizarem bem suas tarefas – é o que Luiz chama de *non-stop show*. Assim, no tempo livre, existe uma preocupação antecipada com a agenda de entretenimento (passeio ao shopping, teatro, viagens). Na escola, as estratégias didáticas ficaram mais lúdicas para proporcionar uma aprendizagem mais prazerosa. “Embora essas mudanças tenham sido positivas, elas redirecionaram a influência do ambiente social. Ele não mais enfatiza limites, tampouco incute determinados deveres, e raramente motiva para o empenho e a disciplina”, completa Luiz.

As novas gerações, como aponta Julie Lythcott-Haims, têm mais tempo para se dedicar aos estudos e investir na realização pessoal, e se sentem mais seguras diante da vida. No entanto, esses jovens sentem cada vez mais medo de caminhar com as próprias pernas. A conclusão é corroborada por Valeria Brandini, antropóloga e sócia-fundadora da BR Insights Bureau de Comportamento e Consumo. A empresa realizou em 2014 uma pesquisa para investigar o perfil da juventude brasileira e constatou, na fala dos próprios jovens, essa insegurança gerada pela superproteção e pelo amparo constante. De acordo com Valeria, 70% dos entrevistados das classes A e B, das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, mencionaram um paradoxo: por

Alessandra Bronze auxilia os alunos a se adaptarem à rotina de aulas do Fundamental II, com mais disciplinas e professores

um lado, são incentivados a realizar seus sonhos; por outro, temem a ausência da zona de conforto garantida pelas famílias. Em um de seus artigos, a antropóloga reafirma a ideia de que as gerações atuais crescem sem tolerância à frustração, com altas expectativas e baixa resiliência: “Com receio de serem autoritários como seus pais, os pais em questão se tornaram muito permissivos com seus filhos. Como queriam romper com o modelo considerado reacionário de seus pais, romperam com a autoridade e limites que bem conheciam, mas desconheciam outro modelo como referência. Assim, ‘abriram demais a guarda’, ficaram reféns de uma criação balizada apenas pelo amor”.

UMA ESCOLA QUE REINVENTA PARADIGMAS

Nesse contexto, também entra em debate o papel das instituições de ensino na formação desses jovens e na mediação que estabelecem com as famílias. Mais uma vez, especialistas apontam um comportamento ambíguo: as famílias estão mais presentes, mas não têm clareza das responsabilidades que competem a elas e à escola. É o que sustenta o filósofo Mario Sergio Cortella, autor, entre outros, de *Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes*,



Josely Magri, diretora pedagógica do Stockler



de 2014: “O que há nestes tempos é uma exagerada ‘terceirização’ da formação a ser realizada na família. Pais e mães ou outros responsáveis vêm se desobrigando da formação cívica, sexual, religiosa, ética, ecológica e deixando mais para a escola o encargo das novas gerações”.

Para Josely Magri, diretora pedagógica do Colégio Stockler e terapeuta familiar, é preciso encontrar o caminho do meio, para evitar o “jogo de empurra”. E esse caminho não é aquele que leva a uma cisão entre escola e família, mas o que passa por estratégias de diálogo e parceria. “Desde o momento em que os alunos chegam ao colégio, procuramos deixar claro para os pais qual é nossa especialidade, qual é nosso papel e o que se espera que eles garantam em casa para



Time de orientadoras pedagógicas: Maria José, Alessandra, Sueli e Kátia são responsáveis pelo diálogo entre a escola e as famílias, do 6º ano do Fundamental à 3ª série do Ensino Médio

alcançarmos bons resultados na sala de aula e também fora dela, hoje e quando esses sujeitos chegarem à fase adulta. Investimos em um canal aberto de comunicação com as famílias e com os alunos, mas a proximidade não os isenta da responsabilidade.”

O Stockler se pauta pelo atendimento individualizado ao aluno, de modo que ele seja estimulado a valorizar os momentos de estudo e a realização das tarefas de casa, não apenas durante os períodos de prova. O relacionamento com os colegas e professores também é um dos pilares do projeto formativo da escola. Para Josely, a autonomia não é uma habilidade inata, e sim construída. Por isso, o trabalho com os colegas é fundamental. É importante que o aluno se espelhe nos pares e aprenda com eles – com respeito, sem um ambiente de competição danosa – para crescer e se descobrir.

Jessica Lahey, professora norte-americana e autora de *The Gift of Failure (A dádiva do fracasso)*, publicado em 2014 e ainda sem edição no Brasil, segue a mesma trilha. Para formar sujeitos autônomos, a escola e a família precisam parar de se culpar. Elas devem mostrar, mais que apenas afirmar, que valorizam o processo de aprendizagem e as experiências

vividas no ambiente escolar, experiências das quais os alunos são protagonistas. Lahey menciona alguns exemplos práticos. Em casa, deve-se parar de usar o pronome “nós” para se referir à criança ou ao adolescente, como “nós não vamos jogar bola hoje à tarde se não estudarmos”: é dele a responsabilidade por não ter realizado um trabalho no prazo, por exemplo, e a linguagem deve explicitar isso. Outra atitude importante é não fazer a lição de casa no lugar da criança. Não se trata de ser negligente, mas de permitir que ela possa gerenciar o próprio tempo. O canal para dúvidas, nesse caso, continua aberto. Na escola, cumprir os combinados é essencial: uma regra estabelecida (de novo, a entrega de trabalhos em dia é um exemplo) precisa ser res-



Cooperação e autonomia: trabalho da disciplina de Jornalismo simulou uma reunião do Conselho de Segurança da ONU e os alunos, no papel de diplomatas de diferentes nações, discutiram a crise na Síria

peitada, para que o estudante perceba as consequências de suas ações e lide com elas de um modo diferente no futuro. Projetos extracurriculares e formas de avaliação que não se limitem às provas escritas podem incentivar esse engajamento e apropriação por parte dos estudantes.

Quando a escola e as famílias agem na contramão dessas práticas, o que estão dizendo aos seus alunos e filhos é que eles são incapazes. “A pior parte dessa história de superproteção é a mensagem oculta que enviamos às crianças: ‘Eu acho que você não é capaz de fazer isso sem mim’. Tentando impulsioná-los, acabamos por, paradoxalmente, derrubá-los”, arremata Julie Lythcott-Haims.

O discurso de uma geração perdida e mimada, que não cortou o cordão umbilical e não sabe reagir às adversidades, é generalizante e resvala no saudosismo alarmista – aquela história de que “na minha época era melhor”. A divisão simplista entre “pais que educam” e “professores que ensinam” tampouco contribui para resolver o problema da conquista da autonomia. O momento é de rever os paradigmas de autoridade, limites e autonomia: as crianças e jovens mudaram e, por isso, as escolas e as famílias estão mudando também.

PARA SABER MAIS

Uma lista com sugestões de leituras que discutem o papel de pais, educadores e gestores diante do desafio de equilibrar afeto e estímulo ao protagonismo de seus alunos e filhos



Divulgação

1. A ARTE DE DAR LIMITES (LUIZ HANNS)

O psicólogo parte de exemplos de seu consultório e de pesquisas internacionais para propor o que chama de educação pensada. Por meio de exercícios para pais e filhos, o método levaria a mudanças mais consistentes e perenes de atitude.



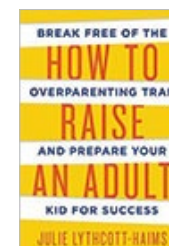
2. EDUCAÇÃO, ESCOLA E DOCÊNCIA: NOVOS TEMPOS, NOVAS ATITUDES (MARIO SERGIO CORTELLA)

Neste livro, lançado em 2014, o filósofo volta à área da educação para refletir sobre diferentes temas: a relação entre família e escola, a importância da educação para a sustentabilidade e o impacto das novas tecnologias sobre as gerações atuais.



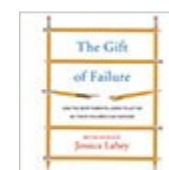
3. PAIS LIBERADOS, FILHOS LIBERADOS (ADELE FABER E ELAINE MAZLISH)

Lançando mão de uma linguagem bem-humorada, as autoras apresentam algumas técnicas para que o relacionamento entre pais e filhos seja mais cooperativo e menos impositivo, o que conduziria a comportamentos mais autênticos e confiantes.



4. HOW TO RAISE AN ADULT (JULIE LYTHCOTT-HAIMS)

A experiência como professora na Universidade Stanford e também como mãe foi o ponto de partida para um livro que é também um manifesto contra a superproteção. A autora atribui essa atitude a uma geração de pais mais assustada e vigilante, que acredita pouco na capacidade dos filhos.



5. THE GIFT OF FAILURE (JESSICA LAHEY)

A autora defende que os anos na escola são cruciais para que os pais deixem seus filhos vivenciarem o desapontamento e a frustração. Desse modo, eles se transformarão em adultos resilientes e autoconfiantes.

NA TRILHA DA LIBERDADE

A equipe de orientação pedagógica do Colégio Stockler relata suas estratégias para formar crianças e jovens mais independentes e seguros

ENSINO FUNDAMENTAL II

Nas escolas com Ensino Fundamental I (do 1º ao 5º ano), uma ou duas professoras (chamadas de polivalentes) cuidam da classe e discutem o conteúdo de todas as disciplinas. Parte do período na escola é dedicado à brincadeira, e as tarefas normalmente são feitas em um período curto de tempo. Por isso, a passagem para o 6º ano é um marco na vida das crianças. “São mais de dez professores, aulas de 45 minutos, uma série de anotações de diferente teor e uma diversidade maior de materiais escolares com que eles passam a lidar”, resume Alessandra Bronze, orientadora pedagógica do 6º e do 8º ano no Colégio Stockler.

Daí a importância das aulas de tutoria, para que eles coloquem a agenda em ordem e acostumem-se a se programar para fazer os trabalhos com antecedência. Também se discute como arrumar a mochila e o armário. É o começo de um processo que culmina no 9º ano, para que o aluno se prepare para as novas exigên-

“Normalmente, fico à tarde na escola. Aproveito para fazer todas as minhas tarefas e organizar meu material, pois sei que é complicado deixar para depois. Alguns colegas me pedem ajuda em Álgebra, minha matéria favorita. A outra disciplina de que eu mais gosto é Música. Aos finais de semana, tento descansar, ver um pouco de televisão, tocar teclado, sair com a minha família, mas dedico um pouco do domingo às tarefas. Minha mãe não checa agenda, mas pergunta se fiz a tarefa, se tive alguma dúvida, e deixa que eu escolha como vou dividir o meu tempo.”

Júlia Molero, aluna do 6º ano do Ensino Fundamental

cias do Ensino Médio. Nessa fase, é importante que a família assuma o projeto formativo da escola e demonstre que o filho cresceu, ganhou responsabilidades e pode tomar decisões sozinho – inclusive aquelas que renderão um estudo mais frutífero.



ENSINO MÉDIO

Na passagem para o último ciclo da educação básica, as responsabilidades crescem tanto no âmbito escolar como fora dele. Há mais disciplinas, professores e avaliações; além disso, o conteúdo programático é mais amplo e complexo, o que exige maturidade do aluno. “Os meninos que foram nossos alunos no Ensino Fundamental já aprenderam a estudar sozinhos por meio dos fichamentos, dos resumos, do trabalho em grupo. No Ensino Médio, reforçamos essa prática por meio da organização do plano de estudos, que é sempre reelaborado em parceria, com foco nas dificuldades do aluno”, explica a diretora Josely Magri.

Nesse processo, as famílias entram como parceiras, na medida em que acompanham o percurso dos filhos, comunicam-se com a escola, cobram mudanças de atitude dos jovens e interferem quando é necessário. Do mesmo modo, a influência dos pares é fundamental.



“Achei muito oportuna a simulação do Conselho de Segurança da ONU, pois nos proporcionou uma experiência diferente das aulas a que estamos acostumados. A dinâmica aperfeiçoou nosso exercício de pesquisa, de estratégias argumentativas e, o mais importante, de respeito às opiniões diferentes das nossas. Acredito que experiências como essa desenvolvem, de fato, a autonomia e a responsabilidade, tornando nossa formação mais abrangente.”

Ana Luísa Pollan, aluna da 2ª série do Ensino Médio

Alguns dos projetos concebidos pelos professores nessa fase também privilegiam a experiência de situações reais, o cooperativismo e o desenvolvimento da autonomia. É o caso da simulação do Conselho de Segurança da ONU, coordenada por Ivan Paganotti, professor de Jornalismo. Este ano, o tema foi a crise na Síria. Na atividade, os alunos assumiram o papel de diplomatas de diferentes nações para chegar a um consenso e elaborar propostas que contribuíssem para resolver o conflito.

Na 3ª série, a maturidade para enfrentar o vestibular é ainda mais importante. “Em um primeiro momento, a gente trabalha com eles as questões ligadas à escolha da profissão. Muitos ainda não encontraram um sonho para chamar de seu, um projeto de vida. Por isso, eles nem sempre veem sentido no estudo”, diz Maria José Gimenez,

orientadora pedagógica da 3ª série. No segundo semestre, enquanto revisam o conteúdo do Ensino Médio, traçam metas para lidar com as dificuldades. Mensalmente, reúnem-se com a orientadora para saber quais metas já foram alcançadas – escrever uma redação extra por semana, resolver a prova inteira de um grande vestibular ou fazer uma lista de exercícios sobre probabilidade, por exemplo. ■



“Sempre fui bem na escola, mas tive uma fase difícil, prepotente, no final do Ensino Fundamental. No Ensino Médio, fui voltando ao eixo e ganhei mais confiança da minha família. A virada aconteceu quando decidi que queria prestar Medicina e que precisava começar a trabalhar para isso, pois era um projeto. Mudei de postura (e de carteira, na sala de aula), e minhas notas melhoraram. Agora, na 3ª série, tenho clareza de que posso me frustrar e de que vou ter que lidar com isso: Medicina é um curso muito concorrido, mas estou oferecendo o que posso para chegar mais preparada no ano que vem.”

Beatriz Flores, aluna da 3ª série do Ensino Médio

Provas que ensinam

Revisar o conteúdo recém-trabalhado, tirar dúvidas pontuais e, acima de tudo, criar o hábito de estudo. Entenda como o projeto de Avaliação Contínua tem ajudado os alunos da 2ª série do Ensino Médio a aprender melhor

texto_Stephanie Kim Abe fotos_Carolina Gonzalez



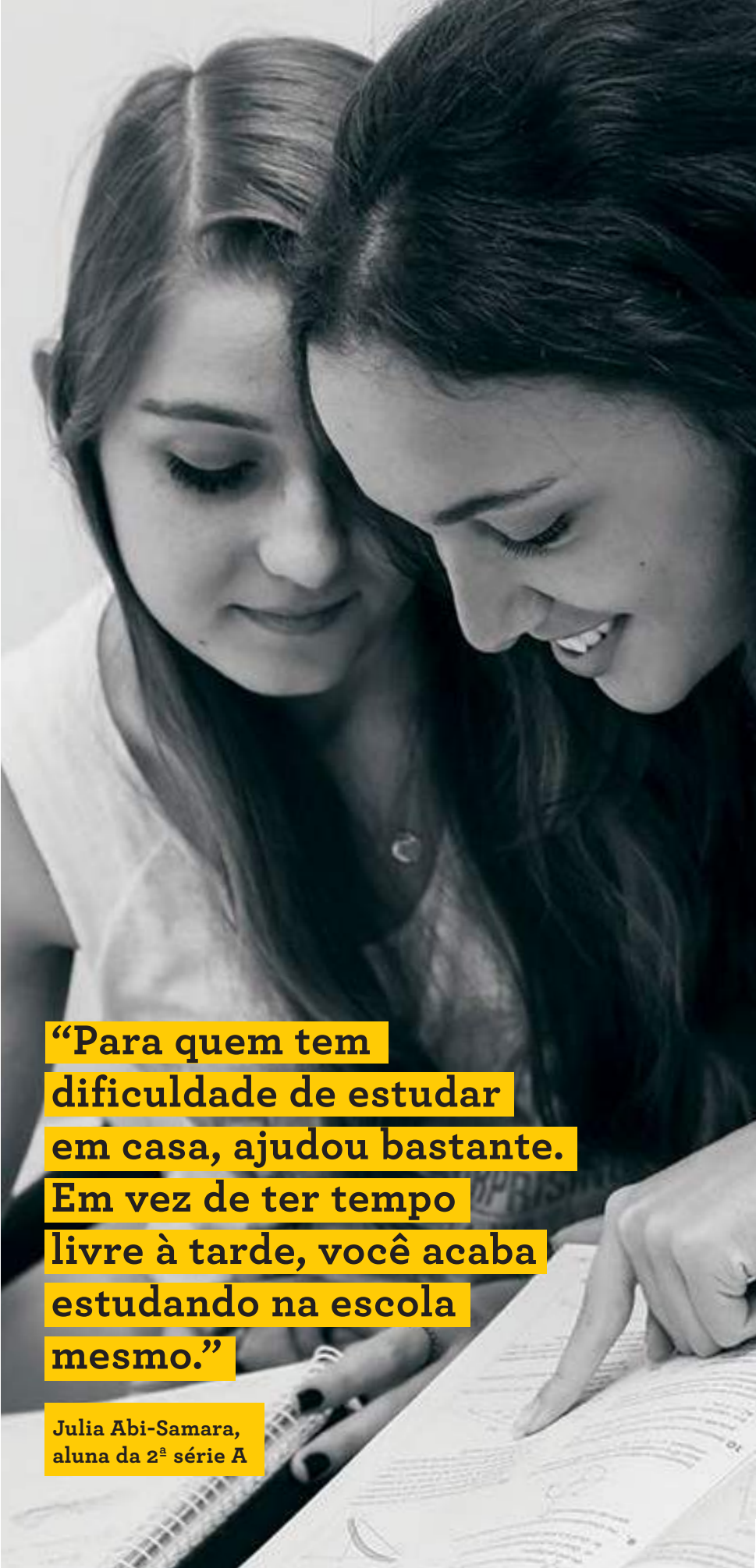
“**M**eu filho só estuda na véspera da prova.” Quem não conhece um caso desses? Infelizmente, a cultura de deixar tudo para a última hora faz parte da rotina de parte dos estudantes e pode se tornar uma dor de cabeça – para os pais e os filhos. Com o esquema de provas mensais e trimestrais, o conteúdo se acumula e as dúvidas nem sempre são resolvidas. Quando o aluno se dá conta, o estudo já virou uma bola de neve.

Para os alunos da 2ª série do Ensino Médio, esse cenário ficou fora de cogitação este ano: eles tiveram provas semanais, parte do projeto-piloto Avaliação Contínua. O intuito? Promover nos jovens o hábito do estudo diário.

“Os alunos do Ensino Médio têm mais autonomia do que os do Fundamental para fazer um cronograma de estudo, mas precisamos continuar cobrando. Ao estudar sistematicamente, eles entendem que o conhecimento não é compartimentalizado e que as dúvidas precisam ser tiradas pontualmente, para melhorar a aprendizagem”, explica Josely Magri, diretora pedagógica do 6º ano do Ensino Fundamental à 2ª série do Ensino Médio.

As avaliações ocorreram às terças e quintas à tarde. O conteúdo era mais pontual e a quantidade de perguntas, menor que a da prova mensal ou trimestral. Durante os primeiros 40 minutos, sob a orientação de um professor, os alunos estudavam a matéria que seria cobrada na avaliação, fazendo um resumo do caderno com a ajuda de um roteiro. “Eles até podiam trabalhar em dupla, mas cada um preparava o seu próprio material. Porque a ideia era ensiná-los a estudar”, conclui Regina Célia, professora de História.

“Para quem tem dificuldade de estudar em casa, o projeto ajudou




“Para quem tem dificuldade de estudar em casa, ajudou bastante. Em vez de ter tempo livre à tarde, você acaba estudando na escola mesmo.”

**Julia Abi-Samara,
aluna da 2ª série A**

bastante. Em vez de ter tempo livre à tarde, você acaba estudando na escola mesmo”, diz Julia Abi-Samara, aluna da 2ª série A.

O projeto também se mostra válido para aqueles que já têm o hábito de estudar todos os dias, pois lhes permite descobrir diferentes formas de sistematizar o aprendizado. “O roteiro com que trabalhávamos durante a Avaliação Contínua realmente acabava auxiliando em algumas matérias, em Humanas principalmente”, reconhece Lucas Ventura Bertussi, aluno da 2ª série A.

A prova semanal ajuda tanto o aluno como o professor a identificarem se é necessário corrigir o rumo de imediato, sem ter de esperar até o final do trimestre. “A Avaliação Contínua faz uma conexão entre o que está sendo avaliado e o que está sendo dado em sala de aula. Assim, não vai demorar mais dois meses para o aluno verificar se aprendeu o conteúdo que está sendo trabalhado hoje”, explica o professor Ismael Fernandes de Andrade, coordenador de Biologia da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio.



“O fato de meu filho saber que tem uma avaliação faz com que ele abra um livro, leia o caderno e procure se preparar toda semana.”

**Simone Ventura Romanowski,
mãe de Lucas Ventura Bertussi,
aluno da 2ª série A**

Racha Cuca

Os alunos são diferentes entre si, e todos precisam avançar no aprendizado. Por isso, o colégio propõe não só ações de recuperação para os que estão com dificuldades, mas também desafios para os que já compreenderam os conteúdos trabalhados em sala. Para que os alunos com mais facilidade não se acomodem, foi criado o Racha Cuca, com aulas especiais que levam a uma reflexão mais aprofundada sobre temas interdisciplinares.

“No primeiro Racha Cuca, por exemplo, trabalhamos o conceito de pressão, associado a Química, Física e Biologia. É preciso ter em mente que, hoje, os vestibulares estão propondo cada vez mais questões que integram as diversas disciplinas”, explica o professor de Biologia Ismael de Andrade.

Cinema, Artes Visuais e História estiveram presentes nas aulas especiais da professora Regina Célia Giraldi, intituladas “Desvendando obras-primas do Renascimento” e “Desenho animado faz política?”. Na primeira, ela analisou com os alunos obras como *A escola de Atenas*, do pintor Rafael. Já no segundo encontro, discutiu-se o papel político de desenhos animados, sobretudo da indústria norte-americana, produzidos durante as décadas de 1940 e 1950.



Depois da aula expositiva, o Racha Cuca sempre se encerra com questões do vestibular. “Para o aluno entender a teoria e depois ver a sua aplicação e ter consciência do seu próprio aprendizado”, explica Josely.

Melhorias constantes

Como todo projeto-piloto, o esquema de Avaliação Contínua passou por mudanças ao longo do ano. No começo, por exemplo, cada professor escolhia a dinâmica de sua aula à tarde: aprofundar o conteúdo, aplicar um exercício ou dar uma pergunta mais desafiadora. No segundo semestre, o projeto foi ficando mais padronizado.

Ainda que tenham sentido melhora com essas mudanças, muitos alunos questionaram a efetividade da Avaliação Contínua. Para alguns deles, a carga muito grande

de provas e a obrigatoriedade de passar as tardes na escola prejudicaram o planejamento individual de estudos.

Sensível a tais críticas, a direção estuda alterações no projeto, que será estendido a todas as séries do Ensino Médio. Para o ano que vem, a Avaliação Contínua deverá ocorrer pela manhã, durante as duas primeiras aulas, às terças-feiras. O serviço de monitoria permanecerá à tarde, para orientar o planejamento de estudos dos alunos e solucionar dúvidas.

Os pais, mesmo ouvindo as reclamações dos filhos, entendem a importância do projeto. “A proposta é bem bacana, porque obriga o aluno a estar sempre revisando e estudando. O fato de meu filho saber que tem uma avaliação faz com que ele abra um livro, leia o caderno e procure se preparar toda semana”, diz Simone Ventura Romanowski, mãe de Lucas Ventura Bertussi, aluno da 2ª série A. ■



“As dúvidas precisam ser tiradas pontualmente, para melhorar a aprendizagem.”

Josely Magri, diretora pedagógica do 6º ano do Ensino Fundamental à 2ª série do Ensino Médio



MURAL DOS ALUNOS

Conheça o resultado de alguns dos trabalhos protagonizados pelos jovens

7º ANO



PROJETO GRAFITE

PINTURA RENOVADA

Arte urbana dentro dos muros da escola

DISCIPLINA_ Arte

COMO FOI_ O conteúdo de Arte no 7º ano prioriza o estudo das linguagens urbanas. Depois de estudar os quatro elementos do hip hop – o rap, a dança, o grafite e a discotecagem –, a turma renovou a pintura da face interna de um dos muros do colégio, colocando em prática as técnicas aprendidas em sala de aula.



1ª SÉRIE

PROJETO CSN/BANANAL

REVELAÇÕES
NO VALE
DO PARAÍBA

Visita à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, e a fazendas coloniais, em Bananal

DISCIPLINAS Química, Biologia, Matemática, Geografia, História, Jornalismo e Redação
COMO FOI Durante este trabalho de campo, as turmas da 1ª série do Ensino Médio investigaram *in loco* aspectos da economia do Vale do Paraíba. Em visita às instalações da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), tiveram contato com os detalhes da produção do aço. Analisaram também a exploração dos recursos naturais e os impactos ambientais gerados pela usina na região.

Em Bananal, os alunos observaram vestígios da época colonial no calçamento das ruas, nas praças, na estação ferroviária e na arquitetura dos casarões. Também conheceram uma fazenda, onde aprofundaram conhecimentos sobre a história da produção do café no Brasil.

Entre as atividades realizadas durante a viagem estava o registro fotográfico, pautado por orientações dadas nas aulas de Jornalismo. As imagens das páginas 50, 51 e 52 são resultado deste trabalho.



MUNISHA ALVES KISHORE, 1ª SÉRIE D



HENRIQUE MAGALHÃES, 1ª SÉRIE C



LAURA VEIGA, 1ª SÉRIE B



GABRIEL BIANCHI, 1ª SÉRIE D

BRUNO LOUREIRO
GAUDÊNCIO, 1ª SÉRIE A

GIOVANNA BACCIN, 1ª SÉRIE A

MARIELA HENNIES LAUAND,
1ª SÉRIE C



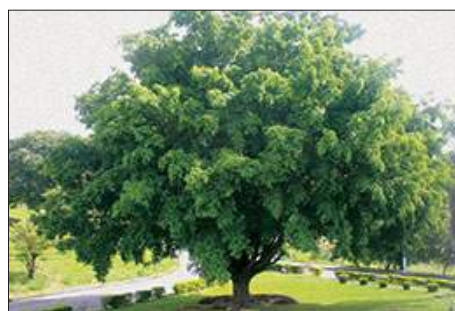
THAIS TAWIL, 1ª SÉRIE B



BRUNO HERCULES, 1ª SÉRIE D

GIOVANNA POUSA DE ANDRADE,
1ª SÉRIE B

ANDRÉ FERNANDES MOREIRA, 1ª SÉRIE B



HENRIQUE ROSA, 1ª SÉRIE B

7º ANO

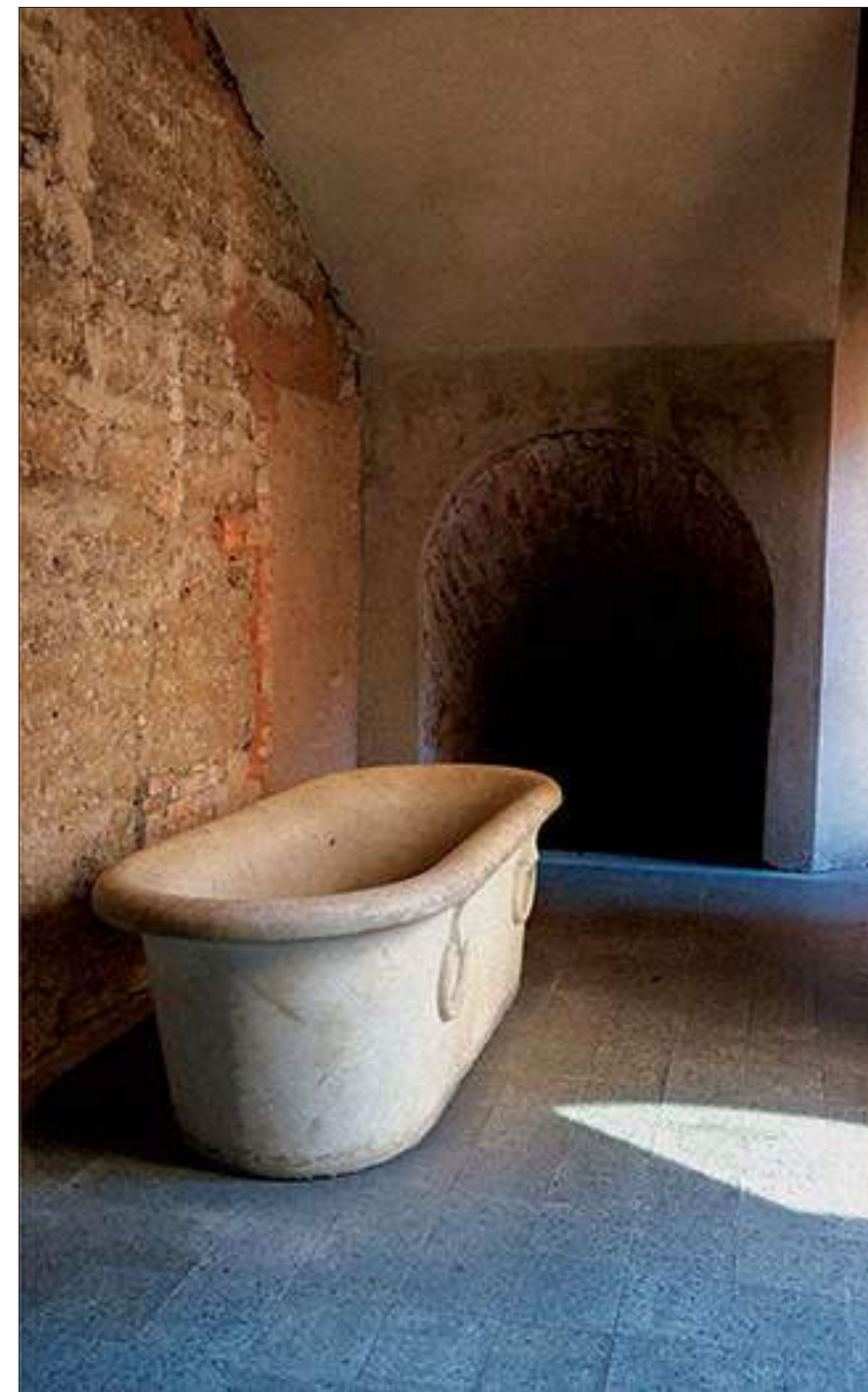
PROJETO CENTRO DE SP

PASSADO
E PRESENTE
NA CAPITAL
PAULISTA

Visita ao centro
aguçou o olhar dos
alunos para marcas
da história da cidade

DISCIPLINAS_ Geografia, História,
Arte e Jornalismo

COMO FOI_ O eixo norteador do
trabalho do 7º ano é a reflexão sobre
o público e o privado. Com essa
questão em mente, os alunos
conheceram aspectos da região central
da cidade de São Paulo. Visitaram
o Pátio do Colégio e o Solar da
Marquesa de Santos, com o desafio de
aprofundar conteúdos abordados nas
aulas de História e Geografia.
Em Arte, puderam comparar as
pichações e os grafites observados
nas ruas com as obras expostas na
3ª Bienal Internacional Graffiti Fine Art,
que haviam visitado no mês anterior.



ADRIANA MARREY FERREIRA DE ATAIDE



ANA ELISE MIQUEL PIMENTA



PEDRO RIZZUTTI BELLANDI



MARINA FERNANDES
ANDERSON



ISABELA MARQUES VIVEIRO

9º ANO

PROJETO BROTAS

BIOTECNOLOGIA, FÍSICA E ASTRONOMIA

Trabalho de campo no interior de São Paulo integra diferentes áreas do conhecimento



DISCIPLINAS_ Ciências, Matemática, Língua Portuguesa, Redação e Jornalismo

COMO FOI_ Observação dos astros no céu, análise de lançamento de protótipos de foguetes, inseminação artificial em equinos. Estas foram algumas das atividades da diversificada programação do trabalho de campo realizado pelas turmas do 9º ano em Brotas, no decorrer de três dias. Houve muito estudo e também muita diversão, com festa à fantasia – na qual os alunos se caracterizaram de cientistas e experimentos – e luau ao som do violão em torno da fogueira.



Planetário digital com projeção em 180 graus e alunos se preparando para atividade de cálculo com lançamento de foguetes



Momento de descontração em volta da fogueira e participação dos estudantes na sessão de inseminação artificial em equinos



9º ANO



© Carolina Gonzalez

PROJETO MAUS

BOOK COVERS

História do nazismo em quadrinhos ganhou uma capa em inglês e uma caixa de madeira

DISCIPLINAS_ Língua Portuguesa, Inglês e Matemática
COMO FOI_ Os alunos do 9º ano leram o livro *Maus*, em que Art Spiegelman relata episódios do nazismo por meio da linguagem dos quadrinhos. Em seguida, produziram uma nova capa com textos em inglês (título, pequena biografia do autor e sinopse). Nas aulas de Geometria, projetaram e confeccionaram um estojo de madeira para a publicação.

9º ANO

PROJETO VOZES ROUBADAS

DIÁRIOS DE GUERRA

Os conflitos do século XX sob o ponto de vista dos adolescentes

DISCIPLINAS_ Língua Portuguesa, História, Arte
COMO FOI_ Dentro do eixo “Memórias”, os alunos do 9º ano trabalharam com o livro *Vozes roubadas*, organizado por Zlata Filipovic e Melanie Challenger. A obra reúne 14 relatos autobiográficos de crianças e jovens em meio a conflitos armados.



© Carolina Gonzalez

A leitura foi complementada pelo debate acerca de filmes sobre o período da Segunda Guerra Mundial, como *A espiã* e *A lista de Schindler*.

Os alunos realizaram algumas atividades de escrita de trechos de diários, fichamentos e análises. Produziram, também, uma fotomontagem a partir da leitura de um dos relatos do livro, o diário de Ed Blanco, sobrevivente da Guerra do Vietnã.

8º ANO

PROJETO CONTOS

DISCIPLINA_ Redação

COMO FOI_ A análise de textos ficcionais e a discussão sobre os elementos da narrativa antecederam a fase da produção do texto. Após várias etapas preparatórias – a elaboração de um dossiê com características detalhadas das personagens, exercícios de escrita criativa e análise de filmes –, os alunos criaram suas próprias narrativas, com enredos marcados por romance, aventura e suspense.

VINGANÇA SEM FIM

VICTOR TANNUS BRANCO DE ARAÚJO
(8º ANO B)

Meu nome é Victor Chevalier. Minha história começa quando eu tinha apenas 10 anos e era muito novo para entender tudo o que havia acontecido naquele fatídico 13 de junho de 1682. Foi o dia em que a morte se apresentou para aquele menino inocente, cuja única preocupação era o boneco de pano que havia sido costurado à mão pela mãe. Naquele dia, eu perdi não apenas minha família mas também minha inocência, quando assisti ao enforcamento do meu pai e da minha mãe.

Depois disso, passei a viver com meu avô, que foi meu instrutor tanto na arte da luta quanto na arte da vida. Foi ele quem me abriu os olhos para a real circunstância da morte de meus pais. Quando fiz 18 anos, ele me disse que meu pai havia descoberto que o primeiro-ministro e sua esposa desviavam verba do governo e ficavam com uma grande parte dos impostos. O plano era deixar o país na miséria, depor o rei e tomar o trono.

Decidi que seguiria em frente e que Deus, no momento certo, faria sua justiça. Um dia, havia saído para comprar um cavalo e, na minha ausência, invadiram minha casa e destruíram tudo. Encontrei meu avô com um tiro na testa. Então, peguei minha espada e armei um plano mirabolante para me vingar. Entrei para os mosqueteiros aos 19 anos e fui crescendo dentro do regimento com missões sempre exitosas. Meus colegas eram a única companhia.

Até o dia em que conheci a mulher ao lado de quem envelheceria. Aquela vida miserável que eu levava teve um fim. Comecei uma fase feliz ao lado de Gabriela. Não demorou até nos casarmos e termos nosso primeiro filho.

Fui chamado, por indicação do capitão do regimento, para conversar com o primeiro-ministro, que precisava de um guarda-costas. Ali eu vi a oportunidade de executar minha vingança.

Fui convocado para escoltar o bispo até sua propriedade no sul da França. Jantamos juntos e fiz um interrogatório para descobrir informações sobre o primeiro-ministro. Na manhã seguinte, o bispo tentou fugir, mas eu o perseguí até as colinas e o matei com um golpe de espada na garganta. Escondi o corpo e disse que o bispo havia fugido por motivos que eu desconhecia.

Vestindo roupas pretas e máscara, decidi ir à Bastilha de Paris para encontrar algum preso político que me contasse com quem eu estava me metendo.

Quando adentrei a Bastilha, descobri que a prisão era bem grande por dentro, mas com poucos quartos ocupados. Em um dos corredores, vi alguns guardas batendo em um homem dentro de uma cela. Com dois golpes de espada, matei os guardas. Vesti uma das fardas e perguntei ao preso como ele tinha ido parar naquele lugar horroroso.

Sem reais motivos, aquele homem teria de ficar lá até o fim da sua existência. Contei-lhe meu plano e ele, sem pensar duas vezes, disse-me que um homem havia chegado à Bastilha recentemente, afirmando que o primeiro-ministro era um demônio. Os guardas haviam levado este homem para ser torturado. Todas as noites ele ouvia os gritos do homem e afirmou que poderia me guiar até a sala de tortura.

Falei para ele vestir a farda do outro soldado morto e fomos até a sala de tortura. O homem estava preso em uma máquina, e um soldado o machucava. Com meu punhal, cortei a garganta do soldado e, em seguida, libertei o homem.

Fugimos pelo fosso, que estava cheio de água, nadamos até a margem do rio, corremos e roubamos uma carroça. Fomos perseguidos pelas ruas de Paris, mas escapamos. Chegamos ao interior da França e ficamos escondidos durante uma semana para que a poeira baixasse.

De volta a Paris, passei em casa, vi meu filho e dei o que poderia ser

Meu avô foi meu instrutor tanto na arte da luta quanto na arte da vida. Foi ele quem me abriu os olhos para a real circunstância da morte de meus pais. Quando fiz 18 anos, ele me disse que meu pai havia descoberto que o primeiro-ministro e sua esposa desviavam verba do governo e ficavam com uma grande parte dos impostos.

o último beijo em minha esposa. Parti para Versalhes. Depois de 12 anos esperando por aquele momento, eu não conseguia acreditar no que estava para acontecer. Era um dia de festa e todos estavam animados.

Fui direto para o gabinete do primeiro-ministro. A porta estava trancada, a abri com um pontapé. O primeiro-ministro e o cardeal conversavam sobre como governariam a França. Coloquei minha espada entre as duas maçanetas para trancar a porta. Arremessei meu punhal na garganta do cardeal. Peguei minha pistola, apontei para o primeiro-ministro e disse: “Você acha que matou toda a família Chevalier, mas eu estou aqui para vingar todos aqueles que você matou! Agora diga-me: onde está o livro com anotações da verba que você está desviando da França?” Ele ficou paralisado. Encostei a pistola bem na testa dele. Ele me deu uma chave e disse: “Você tem o rosto e o porte do seu pai, mas os olhos da sua mãe...”

Antes que ele falasse mais alguma coisa, dei-lhe uma coronhada na cabeça e ele desmaiou. Abri o compartimento secreto, peguei o livro e o abri. Deixei a cabeça dele sobre o livro, saí correndo e gritando e pelos salões de Versalhes: “Traidor!!! Traidor!!!”.

O próprio rei me perguntou o que estava acontecendo e, então, eu o guiei até o escritório do primeiro-ministro. Saí correndo para os estábulos, peguei meu cavalo e fui para casa ver minha amada e meu filho.

Deixei Paris e fui morar no interior, nas terras que pertencem à minha família, onde vivo até hoje.

Quando eu era jovem, achava que a frase “Só o perdão liberta” não fazia sentido, mas depois que perdoei aquele homem minha vida começou e, ali, minha vingança teve um fim. ■

2ª SÉRIE

VEREDAS DA CULTURA

DISCIPLINA_ Redação

COMO FOI_ Crítica de arte sobre a obra *The Murder of Crows*, de Janet Cardiff e George Bures Miller.

Texto produzido após trabalho de campo realizado no Centro de Arte Contemporânea Inhotim (em Brumadinho), na cidade histórica de Ouro Preto e em Belo Horizonte, em maio de 2015.

A REALIDADE DO PESADELO

SELENE ZYNGIER, 2ª SÉRIE C

De repente, estou dentro de um sonho ruim. Meu coração acelera, tenho vontade de abrir os olhos e sair correndo, mas me controlo, quero experimentar mais daquela estranha sensação. Imagens flutuam em minha mente, o vento vem e, com ele, o frio. Arrepio. Medo, aflição e desespero são seguidos por maravilhamento e assombro. Não posso mais resistir e abro meus olhos. Sim, ainda estou dentro do simples mas intrigante galpão da obra *The Murder of Crows*, dos artistas Cardiff e Miller, no Centro de Arte Contemporânea Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais.

A instalação, cuja experiência relatei acima, consiste em uma grande sala com 98 caixas de som dispostas aleatoriamente. Cadeiras de madeira no centro do ambiente convidam o espectador a se sentar, fazer parte da obra e se deixar levar pela narrativa que os áudios ali reproduzidos propõem. Os autores canadenses Cardiff e Miller, que vivem hoje em Berlim, são mundialmente conhecidos por usarem tecnologias de ponta para produzir obras interativas inovadoras. A composição deles para Inhotim não deixa a desejar: a sequência narrativa,

Talvez essa seja uma das características mais louváveis da arte contemporânea que essa obra [*The Murder of Crows*] explora: a capacidade de tornar o observador um coautor, exigindo dele o uso do corpo em sentido amplo e a reflexão para além da admiração.

inspirada na gravura *O sonho da razão produz monstros* (1799), do pintor espanhol Goya, transporta o público para um mundo onírico, mas extremamente real.

De acordo com Will Gompertz, autor de *Isso é arte?*, para entender a arte contemporânea deve-se “compreender como ela evoluiu do classicismo de Leonardo aos tubarões em conserva de hoje”. Dessa forma, ao analisar uma obra como *The Murder of Crows*, é interessante refletir sobre o papel do público na arte atual. Afinal, diferentemente do que aconteceu por muitos séculos, a participação do outro em instalações como a de Cardiff e Miller é obrigatória.

Esse contraste se torna claro, por exemplo, quando se observa a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, que segue os preceitos da arte barroca. Nesse caso, a técnica é, sem dúvida, louvável, e o conjunto é tão admirável quanto assombroso. No entanto, do visitante espera-se apenas comoção. Tal tendência, a de um público mais ou menos passivo, foi preponderante até recentemente, durante o modernismo, em especial na arquitetura. Vale a comparação com outra igreja, a da Pampulha, projetada por Oscar Niemeyer, em Belo Horizonte. Em 300 anos parece que pouco mudou, uma vez que a admiração de quem visita a construção ainda é o requisito principal.

Na Nossa Senhora do Pilar e na Igreja da Pampulha, a visão é o sentido mais explorado. Na obra de Cardiff e Miller, pelo contrário, a arte se vale da imaginação dos participantes para acontecer. Público e obra fazem parte de um mesmo sistema, que é movimentado pelo diálogo entre os elementos participantes. Assim, no mundo paralelo do pesadelo de *The Murder of Crows*, todos os sentidos são aguçados.

Talvez essa seja uma das características mais louváveis da arte contemporânea que essa obra explora: a capacidade de tornar o observador um coautor, exigindo dele o uso do corpo em sentido amplo e a reflexão para além da admiração. Cada espectador tem uma experiência única e dela extrairá significados que relacionará às suas vivências. Sob meu ponto de vista, por exemplo, a obra dialoga com a sociedade moderna e com o excesso de informações que recebemos das mídias. Os artistas despertam a percepção do quão pouco controle temos sobre o que ocorre em nossas mentes diante de influências externas. Tal reflexão, embora assustadora, é fundamental, porque muda a forma como enxergamos o mundo e a nós mesmos. Por isso, *The Murder of Crows* é uma atração imperdível, não só para aqueles que têm a arte pulsando em suas artérias, como canta Zeca Baleiro, mas para todos os que desejam entender melhor nossa sociedade. ■

3ª SÉRIE

CINE DEBATE

DISCIPLINA_ Redação

COMO FOI_ Após a segunda edição do Cine Debate, em que foi exibido o filme *O jogo da imitação*, os alunos refletiram sobre as diferentes nuances do preconceito em nossa sociedade e produziram artigos de opinião.

OUTROFOBIA

AMANDA ANDARI, 3ª SÉRIE B

A humanidade foi, ao longo da história, capaz de criar civilizações e de desenvolvê-las a seu modo. Nossa racionalidade permitiu que construíssemos cidades, países e nações, e que os transformássemos de acordo com nossas necessidades. Assim, passamos a nos definir como indivíduos culturais e tecnológicos. Entretanto, essa superestimada capacidade intelectual parece não conseguir fazer com que o ser humano se diferencie de um mero animal

selvagem, que age por impulso, quando o assunto é preconceito. Somos inúmeras vezes – e inconscientemente – intolerantes e incapazes de aceitar o diferente. Em outras palavras, o *Homo sapiens* contemporâneo é outrofóbico.

Tal comportamento fica evidente ao analisarmos algumas das atuais relações interpessoais. Basta ser mulher, negro ou homossexual, por exemplo, para estar sujeito a receber um tratamento enviesado de uma suposta maioria. São valores inculcados pelo sistema e que, infelizmente, exercem um enorme poder sobre nossas ações.

Basta observar os dados. Em pleno século XXI, mulheres têm salários inferiores aos dos homens que ocupam o mesmo cargo. Segundo um estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento, indivíduos do sexo masculino ganham cerca de 30% mais que trabalhadoras do sexo feminino no Brasil. Ser qualificada e bem-sucedida, nesse sentido, não é o suficiente para que elas sejam vistas de modo igualitário.

Há ainda a questão da homofobia. O tema voltou à tona com o sucesso do longa *O jogo da imitação*, que conta a história do mate-

mático Alan Turing. Gênio incompreendido, ele foi capaz de dar novos rumos à Segunda Guerra Mundial por meio da tecnologia, ao criar um computador para decifrar o código que as tropas alemãs usavam para se comunicar. O personagem, entretanto, recebeu pouco reconhecimento e foi obrigado pelo governo britânico a tomar hormônios para “tratar” sua orientação sexual. Ou seja, sua invenção salvou milhões de vidas, mas o fato de ser homossexual fez com que ele fosse excluído pelo próprio Estado.

Indícios levam a crer que o castroquímico induziu Turing ao suicídio. Infelizmente, não se trata de um caso isolado. Atualmente, nos Estados Unidos, cerca de 60% dos adolescentes que acabam com a própria vida são homossexuais.

Diante dessas desigualdades, é válido valorizarmos nosso cérebro e suas conquistas racionais? Não devemos pautar esse julgamento apenas pelo desenvolvimento de máquinas, de cidades, de civilizações. Seremos realmente evoluídos a partir do momento em que lançarmos mão da nossa cultura para deixar de tratar o próximo como inferior. ■

Nossa superestimada capacidade intelectual parece não conseguir fazer com que o ser humano se diferencie de um mero animal selvagem, que age por impulso, quando o assunto é preconceito. Somos inúmeras vezes – e inconscientemente – intolerantes e incapazes de aceitar o diferente.

2ª SÉRIE

PROJETO BLOG A HORA E A VEZ

Artigos escritos nas aulas de Jornalismo e Redação e publicados no blog dos alunos
(www.colegiostockler-blog.com)



Sigla “A. G.” (do inglês “Armenian Genocide”, ou “Genocídio Armênio”) nas mãos de uma descendente de sobreviventes do genocídio.
Foto: Lucca Mermerian.

CRIMES DE GUERRA OU MASSACRE?

POR LUCCA MERMERIAN

No dia 24 de abril deste ano completou-se o centenário do Genocídio Armênio, um dos primeiros e mais brutais massacres do século XX, comandado pelos turcos-otomanos.

A Armênia, em 301, foi o primeiro país a oficializar o cristianismo como religião de Estado. Ela foi dominada pelo Império Otomano no século XV, e, até o final do século XIX, a convivência entre os povos foi pacífica. Porém, com a decadência do império no final do século XIX, iniciaram-se os sentimentos xenofóbicos contra os armênios.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, o domínio otomano veio se enfraquecendo com seguidas derrotas e perdas de territórios. O enfraquecimento deu fôlego ao discurso favorável à independência da Armênia e, assim, os armênios passaram a ser um grupo hostil e ameaçador.

Em 1915, mais precisamente em março, líderes do partido Ittihad, que governava o império, uniram-se e decidiram resolver o “problema armênio”. A solução incluía o extermínio do povo e a tomada de suas terras. O governo utilizou-se de argumentos como a necessidade de uma Turquia para os turcos, de uma Turquia islâmica e do retorno da Turquia a suas raízes.

No dia 24 de março de 1915, um sábado de Aleluia, a polícia otomana prendeu 600 pessoas, entre intelectuais, políticos e religiosos armênios acusados de conspiração. Os intelectuais foram dividi-

No dia 24 de março de 1915, um sábado de Aleluia, a polícia otomana prendeu 600 pessoas, entre intelectuais, políticos e religiosos armênios acusados de conspiração.

dos em dois grupos e enviados para cidades distintas. No caminho, porém, foram executados. Teve início o horror.

O plano do governo otomano, resumidamente, era exterminar o povo armênio. Todos os homens de meia-idade deveriam ser fuzilados, geralmente na frente da família. Os jovens deveriam ir para a guerra para cavarem trincheiras e, posteriormente, serem fuzilados. Crianças eram encaixotadas e largadas no Mar Negro. Padres eram amarrados e queimados. Fetos foram arrancados do ventre das mães, lançados ao ar e cortados com espada. Garotas eram abusadas sexualmente. E os sobreviventes eram forçados a formar caravanas e andar pelo deserto de Der-el-Zor, na atual Síria.

Mulheres, crianças, idosos e demais sobreviventes caminhavam durante meses pelo deserto e por terras inabitadas. Seguiam sob um sol forte

e, durante a noite, tinham que se proteger do frio congelante. A travessia completa até a cidade de Aleppo, na Síria, durava por volta de 75 dias. Durante esses dois meses e meio, muitos sucumbiam à desidratação e à falta de comida, e eram deixados mortos no deserto. A população armênia em 1914 era de 2.133.190 pessoas e, em 1922, era de apenas 387.800, totalizando mais de 1,7 milhão de pessoas mortas ou deportadas.

“Houve uma época em que ter um filho homem era sinônimo de vingança contra os turcos. Tanto que existe um nome em armênio, Vrej, que significa ‘vingança’. É assim que o genocídio faz parte das nossas vidas, é emtempo integral”. (Depoimento de Lusinê, extraído do artigo “Vozes armênias: memórias de um genocídio”, de Renata de Figueiredo Summa (Revista *Ética e Filosofia Política*, v. 10, n. 1, jun. 2007).

O embaixador dos Estados Unidos na Turquia, Henry Morgenthau, tinha consciência desse massacre e chegou a abrigar armênios na embaixada norte-americana. A fim de deter o extermínio, o representante até apelou para o argumento econômico, uma vez que os armênios controlavam 60% das atividades econômicas do império. Porém, o governo respondeu que não se importava com as perdas comerciais.

Com o final da guerra, em 1918, a Armênia foi anexada à União Soviética. Porém, com a fragmentação da URSS em 1991, no dia 23 de agosto do mesmo ano o país se tornou independente, formando a República da Armênia.

Atualmente, o genocídio possui pouco reconhecimento. Alguns países, como Líbano, Argentina, França e Alemanha (que admitiu parcela de responsabilidade, por ter enviado soldados para auxiliar no planejamento turco), reconheceram a atrocidade feita. Outros países, no entanto, não reconhecem o genocídio, para não abalar as relações econômicas com a Turquia.

Atualmente, o genocídio possui pouco reconhecimento. Alguns países, como Líbano, Argentina, França e Alemanha (que admitiu parcela de responsabilidade), reconheceram a atrocidade. Outros países, no entanto, não reconhecem o genocídio, para não abalar as relações econômicas com a Turquia.

No Brasil, o Senado Federal aprovou, quase dois meses após o centenário do massacre, um documento que reconhece o genocídio do povo armênio efetuado pelos turcos, o que pressiona o governo a reconhecê-lo. Dias depois, o ministério turco convocou o embaixador brasileiro em Ancara (como diz a nota do ministério turco), demonstrando grande descontentamento da Turquia com a ação do Brasil.

No dia 12 de abril deste ano, o papa Francisco lembrou o genocídio e pediu, junto à União Europeia, para que a Turquia reconhecesse o extermínio. O governo turco disse que os armênios foram mortos em decorrência da guerra e, por isso, o país não aceitava o termo *genocídio* e se recusava a admiti-lo.

“Vá em frente, destrua a Armênia. Veja se consegue fazer isso. Mande-os para o deserto sem pão nem água. Queime suas casas e igrejas. Depois veja se eles não vão rir, cantar e rezar novamente.” (Do conto “The Armenian and the Armenian”, de William Saroyan, em *Inhale and Exhale*, 1936.) ■

BRASILEIROS ATENIENSES

POR VICTORIA RAIOL

Muitas pessoas falando alto, pedindo melhorias e discutindo política. Essa cena familiar se passa na Grécia Antiga, mais precisamente em Atenas, local em que o termo *democracia* apareceu pela primeira vez, criado pelo político ateniense Clístenes em 508 a.C. Mais de 2 mil anos depois, tal cenário também é visto no Brasil dos últimos anos, período no qual dezenas de manifestações têm acontecido. Tudo começou em 2013, com o aumento das passagens de ônibus. Desde então, vemos um grande número de insatisfações, já há muito tempo “aceitas” (ou habituais), voltarem à superfície do mar agitado de problemas que a população brasileira luta para atravessar e, finalmente, chegar à praia do desenvolvimento.

Na Antiguidade, em Atenas, a democracia surge como um modo de impedir a tirania. Porém, ela era muito diferente do que é hoje: apenas os homens maiores de 21 anos, filhos de atenienses e livres tinham direitos políticos. Os que

não se encaixavam nessas categorias estavam excluídos da participação política. Além disso, na prática, os pobres raramente participavam das reuniões por terem que trabalhar. Essa definição de cidadão mudou com o tempo, assim como o modo com que a democracia é exercida. No início, ela era direta, e os cidadãos tinham que comparecer às assembleias para debater e votar publicamente. O seu poder de decisão não era passado para outra pessoa, a não ser em casos especiais; ainda assim, o representante só ganharia os poderes que a assembleia quisesse, e eles poderiam ser retirados a qualquer momento. A democracia direta existe em poucos lugares do mundo atualmente, visto que só funciona com populações e territórios pequenos. Na maioria dos governos democráticos (inclusive o Brasil), existe a democracia representativa, em que se elege um representante para tomar decisões, criar e aplicar leis, enfim, governar o país pela população.

Se hoje pedimos mudanças, também devemos lutar para que elas sejam exercidas e mantidas. Nossa nação só terá um futuro próspero com colaboração e diálogo entre população e governo.



Gritos democráticos: “Ordem e Progresso!”
Imagem: Victoria Raiol

Mas, afinal, o que há de comum entre os dois casos? Com as manifestações vemos um grande número de brasileiros reunidos em locais – em uma nação ou até espalhados pelo mundo –, todos eles unidos para discutir o futuro de seu país, todos pedindo melhorias, todos se empenhando na construção de uma nova vida no Brasil. No cenário político brasileiro atual, temos um regresso às origens democráticas. O povo deixa suas casas para se envolver nas decisões do governo, assim como os atenienses faziam séculos atrás. Talvez tais movimentos em nosso país pudessem ter sido evitados durante as eleições do ano passado, talvez não. Só sabemos

que as reclamações atuais estão sendo fortemente atribuídas ao governo atual, mas quem sabe se não seriam também destinadas a outro governante?

Todavia, o passado é passado. Manifestações ficam cada vez maiores, “panelaços”, o governo fazendo anúncios. No dia 15 de março, ocorreu o maior ato político na Avenida Paulista desde as Diretas Já de 1984. Segundo a Polícia Militar do Estado de São Paulo, cerca de 1 milhão de pessoas estavam na avenida naquele dia. Manifestações também aconteceram em outras 185 cidades brasileiras, além de Nova York, Londres, Paris e Buenos Aires. Aproximadamente 1,95 milhão de

brasileiros estavam nas ruas, segundo a PM dos estados.

Temos que prestar mais atenção à direção que nosso país tem tomado. Se hoje pedimos mudanças, também devemos lutar para que elas sejam exercidas e mantidas. Nossa nação só terá um futuro próspero com colaboração e diálogo entre população e governo. As eleições foram e são um caminho para cumprir nossos objetivos. Se houve arrependimentos pela escolha feita, devemos ser mais sábios no futuro, em todos os aspectos. Não vivemos sob uma democracia direta para retirarmos poderes quando quisermos. A dúvida que resta é se chegaremos à praia... ou se uma grande onda afundará o navio. ■

COMPARTILHAR PARA VIVER OU VIVER PARA COMPARTILHAR?

BRUNO PAGETTI E MARIA FERNANDA SASSON

No século XXI, as prioridades estão mudando: postar nas redes sociais supera viver o momento

Publicar, curtir, comentar e, por fim, compartilhar. Constantemente, essas ações estão presentes no modo de vida dos indivíduos da sociedade atual, fortemente influenciados por essa rede de comunicação que os induz a dividir momentos com outros internautas. Será que esses momentos não seriam mais bem aproveitados se estivéssemos menos preocupados com as curtidas e mais em curtir?

Ao frequentar shows e festas, ou até mesmo estando diante de uma paisagem incomum, as pessoas se preocupam em mostrar às outras o que estão fazendo. Isso ocorre, principalmente, porque elas têm o objetivo de passar uma determinada imagem de si para aqueles que acompanham suas publicações. Desse modo, fica evidente que o usuário se preocupa com o próprio status (em ambos os sentidos).

Em 2013, o fotógrafo Fábio Seixas criou um projeto com o intuito de representar a necessidade das pessoas de registrar o que presenciam. Por meio de sua análise, Seixas chegou à conclusão de que “[os turistas] viajam muito mais para marcar território e dizer que estiveram lá do que para curtir a viagem”. De fato, quando viajamos, é possível perceber a grande quantidade de pessoas fotografando e posando em frente a grandes atrações, como museus e monumentos.

Ao frequentar shows e festas, ou até mesmo estando diante de uma paisagem incomum, as pessoas se preocupam em mostrar às outras o que estão fazendo.



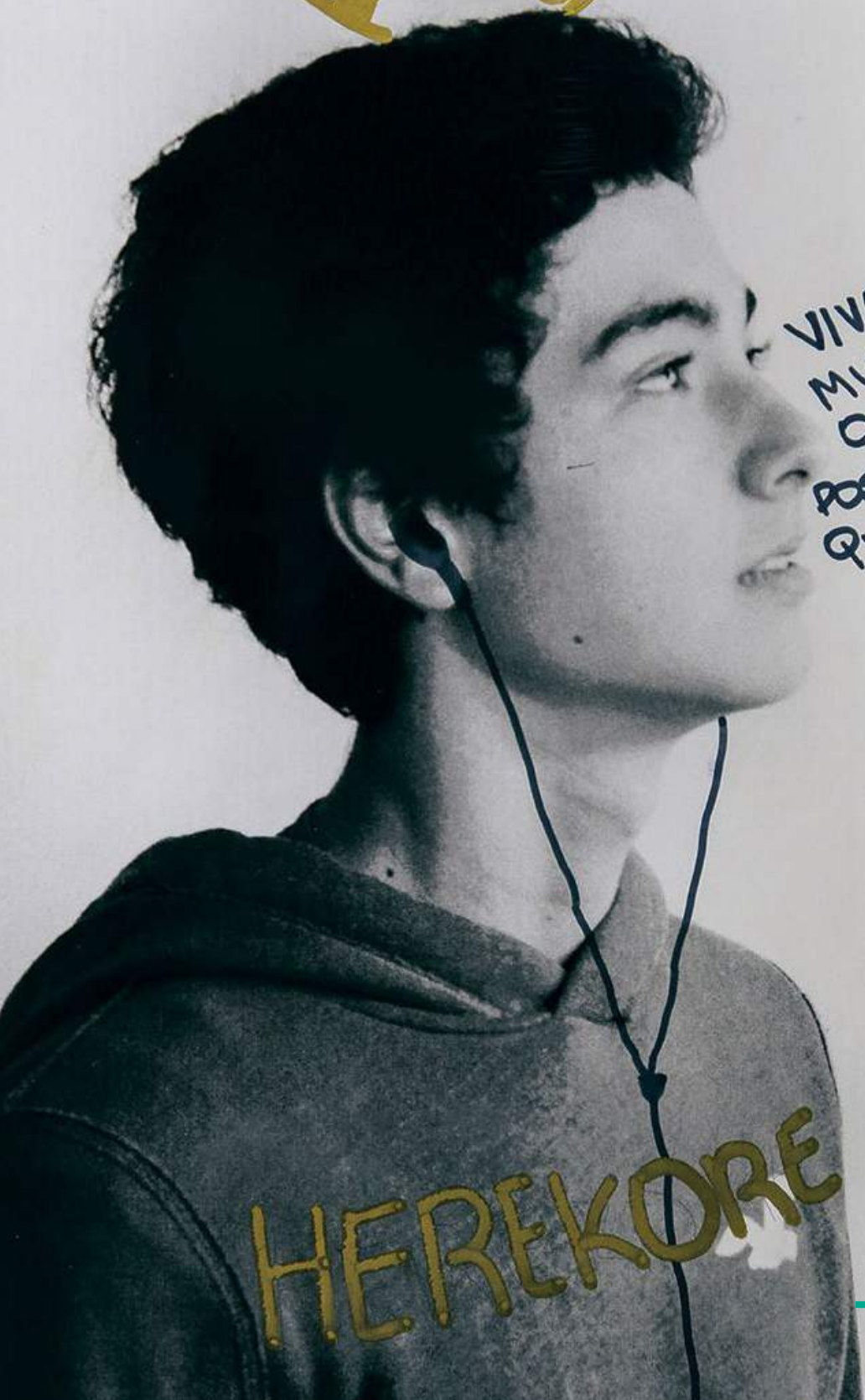
Os novos smartphones fazem com que pessoas evitem manter relações físicas. Grafite de Banksy em Bristol. Imagem: <http://banksy.co.uk>

Segundo um estudo realizado pela ComScore em fevereiro de 2014, o Brasil possuía a 5ª maior audiência digital do mundo. Esse dado evidencia o quanto estamos envolvidos nessa realidade que acarreta, além dos problemas citados, uma diminuição na comunicação entre os indivíduos. Como exemplo disso, podemos mencionar o fato de que compartilhamos instantaneamente o que fazemos. Consequentemente, ao relatarmos um acontecimento, ele deixa de ser uma novidade.

Ao defender a possibilidade da existência de vida em outros planetas, Carl Sagan propôs que a au-

sência da evidência não significa a evidência da ausência. Contradizendo a frase do astrônomo, a nossa sociedade tende a acreditar que algo não aconteceu por não haver publicações sobre tal fato. Esse pode ser considerado um dos motivos pelos quais nos preocupamos tanto com a postagem do que estamos “vivendo”.

Apesar de ser importante registrar os bons momentos, não devemos deixar que a necessidade de compartilhar altere o modo como agimos diante deles. Acima de tudo, é necessário estar presente. Você acha que, realmente, vive ou viveu a sua linha do tempo? ■



VIVER EM UM MUNDO LIVRE, ONDE TODOS POSSAM SER QUEM SÃO.

9º ANO

PROJETO RETRATOS FALANTES

QUEM É VOCÊ? QUAL É O SEU SONHO?

As respostas a essas perguntas deram voz às fotografias

DISCIPLINAS_ Arte

COMO FOI_ Inspirados pelo trabalho do fotógrafo Paulo Fridman, os alunos do 9º ano produziram textos e desenhos sobre identidades e sonhos. Realizaram intervenções em fotografias clicadas pelos colegas, transformando as imagens em retratos falantes.





Durante um mês, os alunos do 9º ano registraram pequenas memórias. Elas foram arquivadas em uma caixa, e cada um que contribuía com uma lembrança podia ter acesso às memórias dos colegas.



STOCKLER, 30 ANOS
Conheça mais dessa história repleta de desafios e conquistas nos nossos vídeos comemorativos. É só acessar o QR Code ao lado.



vesti bular

COLÉGIO

STOCKLER

vestibular.stockler.com.br

Um novo portal que reforça a tradição do Stockler em preparação para o vestibular. Com resumos, exercícios, vídeos e dicas sempre à mão dos alunos.



COLÉGIO
STOCKLER

Ensino Fundamental II – Ensino Médio
R. Barão do Triunfo, 648 – Brooklin
São Paulo - SP
www.stockler.com.br
(11) 5533-3752 / (11) 5093-8682



Colégio Stockler



@StocklerSP



@ColegioStockler



Colégio Stockler